Mary Wollstonecraft
Memórias & Reflexões

Alessandra Carvalho Abrahão Sallum
(Organização e Tradução)
William Godwin
Mary Wollstonecraft
(Autores)

Atena
Editora
Ano 2022

Mary Wollstonecraft

Memórias & Reflexões

Alessandra Carvalho Abrahão Sallum
(Organização e Tradução)
William Godwin
Mary Wollstonecraft
(Autores)

Atena
Editora
Ano 2022

CIÊNCIAS
HUMANAS
E SOCIAIS
APLICADAS

Atena
Editora
Ano 2022

Mary Wollstonecraft – memórias e reflexões

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Maria Elizabeth Bueno de Godoy
Organização e Tradução: Alessandra Carvalho Abrahão Sallum

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M393 Mary Wollstonecraft – memórias e reflexões / Organizadora Alessandra Carvalho Abrahão Sallum. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0072-1
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.721223103

1. Wollstonecraft, Mary, 1759-1797. 2. Mulheres e literatura - História - Sec. XVIII - Inglaterra. I. Sallum, Alessandra Carvalho Abrahão (Organizadora). II. Título.

CDD 928.21

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os texto publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

Com que frequência a melancolia e mesmo a misantropia se apoderaram de mim, quando o mundo me enojou e amigos se revelaram ordinários. Então, me considerei uma partícula a margem da grande humanidade; estava sozinha, até que alguma involuntária emoção simpática se fixou, me fazendo sentir que ainda era parte de um todo poderoso, do qual não poderia me separar – talvez não, esta reflexão me levou longe demais. Rompendo o fio de uma existência, que perde seus encantos na medida em que a experiência cruel da vida para ou envenena o fluxo do coração. Futuridade, o que não tens para dar àqueles que sabem que existe felicidade! Não falo de contentamento filosófico, embora a dor tenha proporcionado a mais forte convicção disso.

Mary Wollstonecraft

PREFÁCIO

Quando me lancei nos estudos sobre a vida e obra de Mary Wollstonecraft durante o curso de Mestrado[1], me deparei, consternada, com o fato de haver, em língua portuguesa, apenas uma obra de sua autoria totalmente traduzida – *Reivindicação dos direitos da mulher*. Grande parte dos trabalhos publicados em nosso idioma, baseados neste clássico, ou em releituras dele, intentam abarcar o pensamento desta importante filósofa do movimento Iluminista, todavia, suas contribuições vão além das reivindicações de sua obra mais célebre. Wollstonecraft foi sobretudo uma entusiasta da racionalidade, abordando temas como o desenvolvimento das virtudes, educação, moralidade, direitos e cidadania.

Podemos encontrar traduzidos alguns trechos de suas demais obras, o que é relativamente pouco, vislumbrando o volume e robustez de sua produção. Diante dessa amostra, fica impossível evitar visões distorcidas de sua filosofia, ou mesmo reducionistas de tudo que Wollstonecraft tem a nos dizer. De maneira alguma ela articulou tudo na *Reivindicação*. Para além deste livro, achamos textos sensíveis, críticos, militantes. Mary foi uma mulher intensa e isso se faz imanente em seu repertório.

Incluindo traduções feitas por ela, escritos literários e filosóficos, além de fragmentos de trabalhos inacabados, compreendemos o porquê de seu ideário vir ganhando força e relevância nos últimos anos – a atemporalidade de muitos dos seus argumentos. As lutas femininas por igualdade continuam vívidas e estritamente necessárias. A descoberta

---

1. Este trabalho é parte do Produto Técnico Tecnológico (PTT) apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica (PPGET), como critério parcial para a conclusão do curso de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica (MPET), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) – Campus Uberaba, na Linha de Pesquisa II –Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), inovação tecnológica e mudanças educacionais.
A organização e tradução da obra foi realizada pela mestranda Alessandra Carvalho Abrahão Sallum, sob orientação do professor Doutor Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes, com revisão crítica da professora Doutora Maria Elizabeth Bueno de Godoy.
Além dessa tradução acadêmica, faz parte do PTT a apresentação de um minicurso intitulado: Mary Wollstonecraft: a mulher, sua obra e luta pela educação feminina, disponível online pelo canal do PPGET – IFTM no YouTube: https://www.youtube.com/c/PPGETIFTM.
Alessandra Carvalho Abrahão Sallum é psicóloga, mestranda em educação tecnológica e especialista em psicoterapia psicanalítica, sexualidade humana e neuropsicologia.

de novas formas de exercer a parentalidade, considerando o vínculo dos pais e cuidadores desde o nascimento, a estimulação precoce do corpo e da mente para formar indivíduos saudáveis e virtuosos, a educação profissional e tecnológica, em período integral, laica, gratuita e de qualidade, com igualdade de acesso a todos, independente de classes sociais, o reconhecimento e valorização dos professores, a integração da comunidade com a vida escolar, tudo isso é só uma amostra do que pudemos encontrar nesse esforço praticamente arqueológico de trazer à luz uma mulher que fez muito mais do que responder a Burke ou Rousseau.

A formação em psicologia, entranhada em minhas práticas, permeou o estudo realizado. Como psicóloga compreendo que, para me aprofundar no pensamento de qualquer indivíduo, anônimo ou proeminente, preciso iniciar explorando sua história, para assim adentrar o conteúdo de suas produções. Sem conhecer a pessoa, vida, desafios, sonhos, medos, angústias, sucessos ou privações, é inviável uma leitura contendo uma crítica profunda de seus textos.

Debrucei-me sobre a tradução da biografia produzida por Godwin, o viúvo de Mary, pouco tempo após sua morte, bem como de um pequeno texto de autoria da própria Wollstonecraft, complementado por apontamentos deixados em rascunho, para que futuramente redigisse o segundo volume da *Reivindicação*. Nestes trechos, trazidos na segunda parte desta obra, pode-se observar o refinamento e amadurecimento das ideias que, em juventude, Mary defendeu tão efusiva. Em poucas páginas podemos reconhecer os traços de suas ideias centrais, amadurecidas pela reflexão e experiência.

Como Godwin conviveu com ela e pôde colher em primeira mão seus relatos, considerei que, apesar do filtro pessoal que todos aplicamos ao falar de alguém, o relato produzido por ele teria muito a nos revelar. Ele intentava mostrar ao mundo quem foi Wollstonecraft, e simultaneamente calar os críticos, enfatizando a humanidade e singularidade de sua falecida esposa. Talvez, sensível que era ao escrutínio social, estivesse num esforço particular para justificar também suas escolhas e seu modo de agir, pensar e sentir. Certamente foi malsucedido.

Ao que parece, a sociedade setecentista não estava preparada para se deparar com tal relato. O que ele conseguiu foi jogar a imagem de Mary ainda mais fundo no foço da crítica, o que respingou em sua obra, a ponto de esta deixar de receber novas edições por décadas. Wollstonecraft caiu num longo e sombrio ostracismo. Mesmo depois de grandes esforços para reavivar sua memória e produção, ela ainda é reconhecida como “mãe de Mary Shelley” ou “avó do Frankenstein”.

Nas civilizações egípcias, o pior que se podia fazer era apagar das pinturas funerárias o nome de alguém, banindo sua existência. Mary passou por algo semelhante. Teve sua identidade reduzida a “esposa de”, “filha de”, “avó de”, além de ter seu pensamento invisibilizado. Ao resgatar sua história, buscamos lhe devolver seu nome, sua identidade. O intuito é prosseguir com a tarefa hercúlea de traduzir toda a produção de Mary Wollstonecraft, facilitando o acesso dos falantes da língua portuguesa à sua vasta obra. Ela passou parte da vida buscando merecida notoriedade. Conseguiu-a por um curto tempo, antes de ser ceifada por uma morte precoce. Aqui nos somamos a diversos estudiosos e estudiosas num esforço para reabilitar seu merecido status: filósofa canônica do movimento Iluminista, ao lado de tantos outros gigantes.

Um passo por vez. Por ora, apreciemos, na primeira parte desta obra, o que Godwin tinha a nos contar. Nossa escolha pelo relato biográfico elaborado por ele não se deu por privilégios de gênero, priorizando as palavras de um homem em detrimento de outros redigidos por mulheres, ou por negarmos o lugar de fala da própria autora. É possível encontrar coletâneas de correspondências redigidas por ela, repletas de lacunas. Reconhecemos que ele se esforçou selecionando e organizando suas memórias.

Lamentamos que, como curador de seu espólio, Godwin tenha destruído registros que julgou inferiores à qualidade das obras de Wollstonecraft. Pena constatar que mesmo um homem com pensamento liberal como ele não concedeu a sua amada esposa a liberdade de ter a integra de seu trabalho publicado, permitindo que cada um selecionasse o que é relevante ou não.

Na segunda parte, trouxemos uma pequena reflexão de Wollstonecraft sobre a poesia, filosofia e arte, que é um verdadeiro deleite para o leitor, complementada pelos esboços da continuação da *Reivindicação*, marcados por um tom mais austero, no qual ela pretendia aprofundar-se na discussão dos direitos civis das mulheres, além de encorpar suas análises sobre a criatividade, a razão e as paixões, bem como a problemática das punições.

A partir desses curtos fragmentos, publicados postumamente, esperamos despertar o interesse para o que virá. Em futuros trabalhos, produziremos outros volumes, com os textos da própria Wollstonecraft. Este é o primeiro livro de uma coleção que está em gestação. O convite estendido ao leitor neste momento é de uma aproximação da mulher Mary, com todas as suas idiossincrasias e contradições, para posteriormente se aventurar, com um novo olhar, pela leitura de suas palavras.

Dezembro de 2021

Alessandra C. Abrahão Sallum

APRESENTAÇÃO

Mary Wollstonecraft foi uma escritora e filósofa inglesa, abolicionista e ferrenha defensora dos direitos femininos no período da revolução francesa. Autora de *Reivindicação dos direitos da mulher*, obra em que criticou, dentre outros respeitados filósofos de sua época, Jean-Jacques Rousseau, que, no periodo em questão, era uma das fontes inspiradoras dos revolucionários.

Mary foi uma mulher independente, adotando um estilo de vida muito à frente de seu tempo. Saiu de casa cedo, fundou uma escola, conheceu os principais pensadores de sua época. Engravidou de sua primeira filha, Fanny, sem estar casada com o parceiro. Abandonada por ele, sustentou-se com os frutos do próprio trabalho como escritora. Casou-se, grávida, com o pensador anarquista Willian Godwin, com quem teve uma filha, também chamada Mary. Esta, futuramente se uniria ao escritor Percy Shelley. Adotando seu sobrenome, ficou conhecida como Mary Shelley e seria mundialmente lembrada por sua obra *Frankenstein*.

Wollstonecraft teve uma morte prematura, dez dias após o parto da segunda filha, acometida de uma febre puerperal. Estava, naquele momento de sua carreira, alcançando o auge de sua maturidade como escritora, deixcando inúmeros trabalhos inacabados. Pela relevância de suas ideias, resgatadas no final do século XIX após um longo ostracismo, Mary Wollstonecraft é atualmente considerada uma das mães do movimento feminista.

Após a morte da esposa, Godwin fez uma curadoria de seus trabalhos inacabados, publicando uma seleção daqueles que considerou estarem à altura do restante da produção de Wollstonecraft. Dentre o material que não se perdeu nesse processo, propusemos esta coletânea, composta pela biografia de Mary Wollstonecraft, redigida por Willian Godwin, juntamente com dois textos escritos por ela e publicados postumamente. Consideramo-los um excelente complemento a sua principal e mais conhecida obra *Reivindicação dos direitos da mulher*. Neles poder-se-á apreciar a visão poética e a crítica mordaz, marcas de Mary Wollstonecraft.

SUMÁRIO

PARTE I

BIOGRAFIA DE MARY WOLLSTONECRAFT (POR WILLIAM GODWIN)

MEMÓRIAS DA AUTORA DE REIVINDICAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER

Londres: Impresso para J. Johnson, Nº 72, St. Paul's Church. Yard; E G.G. e J. Robinson, Paternoster-Row, 1798.

CAPÍTULO I. 1759-1775

Sempre me pareceu que dar aos demais um relato póstumo de uma notória personalidade seja dever dos sobreviventes. Sendo raro que essa pessoa tenha passado pela vida ilesa às calúnias e deturpação maliciosas. Não é possível que o público em geral esteja a par das intimidades de seus conhecidos e compreenda suas virtudes em âmbito pessoal. Cada benfeitor da humanidade é, de certa maneira, influenciado por uma paixão liberal pela fama, e os sobreviventes apenas lhes pagam uma justa dívida, quando honram os que amavam. A justiça que é assim feita aos mortos ilustres se converte na fonte do mais digno interesse e encorajamento àqueles que trilham a mesma carreira. A espécie humana em geral está interessada nessa justiça, por ensiná-los a colocar seu respeito e afeto nas qualidades verdadeiramente merecedoras de serem estimadas e amadas. Nesta convicção, superando qualquer dúvida, acredito que quando somos apresentados à imagem e história de pessoas com narrativas como a que se segue, geralmente sentimos em nós mesmos um apego aos seus destinos e empatia por suas capacidades. Não há muitos indivíduos que aspiravam o bem-estar e a melhoria pública de forma mais interligada do que a autora de *A Vindication of the Rights of Woman* (Reivindicação dos Direitos da Mulher).

Os fatos detalhados nas páginas a seguir são principalmente retirados dos lábios da pessoa a quem se relacionam, de sua veracidade e habilidade inegáveis. O escritor desta narrativa, quando se encontra com pessoas que lhe fossem caras, sempre sentiu curiosidade em se familiarizar com as cenas pelas quais passou e os incidentes que contribuíram para formar suas apreensões e seu caráter. Impulsionado por essa curiosidade, ele repetidamente conduziu a conversa de Mary aos tópicos desse tipo e, uma ou duas vezes, fez anotações na presença dela, de algumas datas calculadas para organizar as circunstâncias em sua mente. Aos materiais assim coletados, acrescentou uma investigação entre as pessoas que mais a conheciam nos diferentes períodos de sua vida.

***

Mary Wollstonecraft nasceu em 27 de abril de 1759. O nome do

pai dela era Edward John, e de sua mãe, Elizabeth, cujos ancestrais familiares eram os Dixons de Ballyshannon, no reino da Irlanda. Seu avô paterno era um fabricante respeitável em Spitalfields e supostamente deixou para o filho uma propriedade de cerca de 10.000 libras. Três de seus irmãos e duas irmãs, ainda vivos, são: Edward, James, Charles, Eliza e Everina. Destes, Edward, que reside em Londres, era o único mais velho que Mary. James está em Paris e Charles na Filadélfia, nos Estados Unidos. Suas irmãs estão, há alguns anos, no cargo de governantas junto a distintas famílias, ambas atualmente na Irlanda.

Duvido que o pai de Mary tenha sido criado para algum ofício, mas, à época de seu nascimento atuou, talvez mais por diversão do que ofício, como agricultor. Ele tinha uma disposição eclética, sempre ávido por novos rumos, frequentemente mudando de residência, o que resultou em alguma ambiguidade quanto ao local do nascimento dela. Me disse que sua dúvida a esse respeito se dividia entre Londres e uma fazenda em Epping Forest, que foi o principal cenário dos cinco primeiros anos de sua vida.

Mary se diferenciou no início da juventude, por uma sensibilidade requintada, solidez de entendimento e firmeza de caráter, que foram suas principais características durante todo o curso de sua vida. No primeiro período de sua existência experimentou poucas indulgências e sinais de afeto, que acalmam e superam as tristezas de nossos primeiros anos. Não era a favorita de seu pai ou mãe. Seu pai era um homem de disposição rápida e impetuosa, sujeito a acessos alternativos de bondade e crueldade. Em sua família era um déspota, enquanto sua esposa parece ter sido a primeira e mais submissa de seus súditos. A predileção da mãe era direcionada ao filho mais velho, enquanto seu tratamento em relação a Mary era caracterizado por considerável rigor. Com o tempo, Elizabeth se convenceu de seu erro e adotou uma postura diferente com as filhas mais novas. Em *Erros da Mulher*, quando Mary fala dos "cuidados mesquinhos que obscureceram a manhã da vida de sua heroína, contenção contínua nos assuntos mais triviais, submissão incondicional às ordens, as quais, como mera criança, ela logo descobriu serem irracionais, porque inconsistentes e contraditórias, e a mera

obrigação de sentar-se na presença de seus pais por três ou quatro horas juntos, sem ousar pronunciar uma palavra”, creio, estivesse ela copiando o esboço do primeiro período de sua própria existência.

Mas em vão os ventos da indelicadeza ou indiferença pareciam estar destinados a neutralizar a elevada mente de Mary. Ela superou todos os obstáculos e, aos poucos, da pessoa menos considerada na família, tornou-se, de algum modo, sua condutora e árbitra. O despotismo de sua educação lhe custou grandes pesares. Não havia sido formada para sujeitar-se amável e docilmente a um déspota, mas a ouvi observar mais de uma vez que, quando sentia ter falhado, a reprovação ou o castigo de sua mãe, em vez de parecer-lhe terrível, era a única coisa capaz de reconciliá-la consigo mesma. Os golpes de seu pai, pelo contrário, que eram meras oscilações de um temperamento intempestivo, em vez de humilhá-la pela subordinação, despertavam sua indignação. Nessas ocasiões, sentia sua superioridade e era capaz de não disfarçar seu desprezo. O temperamento volátil do pai, às vezes, o levava às ameaças de violência contra a esposa. Quando ocorriam, Mary costumava se jogar entre o agressor e sua vítima, com o objetivo de receber sobre si mesma os golpes que poderiam ser dirigidos à mãe. Mantinha-se noites inteiras em vigília perto da porta do quarto dos pais, quando entendia, supostamente ou não, que seu pai poderia explodir em violentos paroxismos. A conduta que ele mantinha em relação aos demais membros de sua família era do mesmo tipo que se observava em relação aos animais. Edward John era extravagantemente apaixonado por eles, mas, quando estava descontente, o que acontecia com frequência e por razões extremamente triviais, sua raiva era alarmante. Mary era o que o Dr. Johnson teria chamado de “uma excelente rancorosa”. Em um desses momento de reação passional paterna contra um de seus cães, ela relata as emoções de repúdio e agonia que sentia. Resumindo, sua conduta durante seus anos de menina, fora tal e qual extorquir pequenas porções de afeto de sua mãe e nutrir um temeroso respeito pelo pai.

Ela e todos os irmãos eram vigorosos e saudáveis, certamente um mérito atribuído à educação materna. Isso parece depender muito da administração de nossos anos infantis. Afirma-se hoje em dia, por

pessoas mais bem capacitadas nas ciências da saúde e da doença, que não existe período da vida humana tão pouco sujeito à mortalidade como o período da infância. No entanto, pela má criação à qual são expostas, muitas das doenças da infância são fatais e mais pessoas morrem delas do que em qualquer outro período da vida humana. Mary havia esboçado um trabalho sobre esse assunto, que considerava cuidadosamente e bem compreendido. Deixou, com efeito, um modelo de sua habilidade a esse respeito na filha mais velha, de três anos e meio de idade, que é um exemplo singular de constituição vigorosa e boa saúde. Anthony Carlisle, cirurgião, de Soho-square, cujo nome dispensa apresentações, prometeu revisar sua produção. Este é apenas um dos inúmeros projetos de atividade e utilidade que sua morte prematura fatalmente encerrou.

A situação rústica em que Mary passou a infância, sem dúvida, contribuiu para confirmar o vigor de sua constituição. Ela cresceu ao ar livre, em meio às cenas pitorescas e refrescantes da natureza, pelas quais sempre manteve maior apreço. Por bonecas e outras diversões geralmente destinadas às crianças do sexo feminino, nutria desprezo, sentindo predileção em se juntar aos esportes ativos e resistentes de seus irmãos, do que limitar-se àqueles de seu próprio sexo.

Quando Mary completou cinco anos de idade, seu pai assumiu uma fazenda perto do Whalebone, na Floresta Epping, um pouco além da estrada de Chelmsford, afastando-se de sua antiga habitação. No feriado religioso de Michaelmas de 1765, ele mais uma vez mudou de residência e ocupou uma casa conveniente atrás da cidade de Barking, em Essex, a treze quilômetros de Londres. No período, alguns de seus vizinhos mais próximos eram: Bamber Gascoyne, um escudeiro[1], membro sucessivo do parlamento por vários distritos, e seu irmão, Sr. Joseph Gascoyne. Bamber Gascoyne ficava pouco por ali, mas o irmão era quase um habitante constante e seus familiares interagiam habitualmente com a família de Mary. Ali o Sr. Wollstonecraft permaneceu por três anos. Em setembro de 1796 acompanhei minha esposa em uma visita a este local,

1. Escudeiro, ao final da idade média, na Inglaterra, referia-se ao menor título de nobreza destinado a aquele que não tinham assumido o título de cavaleiro, tornado comum denominar o proprietário de terras de uma freguesia. Na Grã-Bretanha, foi usado como título heráldico passado ao filho mais velho e possuidor de brasão da família. Nota da tradução.

ocasião em que relembrou com grande sensibilidade as cenas de sua infância. Encontramos a casa desabitada e o jardim, tomado pelo tempo, arruinado. Ela renovou sua familiaridade com o mercado, com as ruas e o cais, o último dos quais encontramos lotado de barcaças em plena atividade.

No feriado de Michaelmas de 1768, o Sr. Wollstonecraft se retirou novamente, desta vez para uma fazenda perto de Beverley, em Yorkshire, onde a família permaneceu por seis anos. Consequentemente, Mary não deixou esta residência até atingir a idade de quinze anos e cinco meses. Durante este período foi submetida a uma educação formal, meramente oferecida pela escola diurna do lugar, não tão vantajosa, à qual nada iria dever sua notória eminência. Em suas lembranças, Beverley parecia uma cidade muito bonita, cercada por famílias de posse e uma excelente assembleia. Ela ficou surpreendida quando a visitou em 1795, após sua viagem à Noruega, pois encontrou uma realidade muito abaixo das expectativas outrora idealizadas.

O Sr. Wollstonecraft, até então, havia sido um fazendeiro, ocupação em que esteve envolvido por muitos anos, mas sua inquietação e a tentação da especulação comercial de algum tipo o direcionou para uma casa em Queen's-Row, em Hoxton, perto de Londres, com o propósito de maiores ganhos. Ali permaneceu por um ano e meio, mas, frustrado em suas expectativas de lucro, desistiu do projeto após este período, voltando às suas antigas atividades. Durante essa residência em Hoxton, o escritor das presentes memórias habitava, como estudante, na faculdade dissidente naquele lugar. Talvez seja uma questão de especulação curiosa a se perguntar sobre qual teria sido a diferença nas buscas e gozos de cada parte, caso tivéssemos nos conhecido então; se consideraríamos um ao outro com a mesma distinção em 1776, da qual seríamos posteriormente impressionados no ano de 1796. O escritor tinha, então, completado o vigésimo ano, enquanto Mary o décimo sétimo. O que teria sido predominante: as desvantagens da obscuridade, a pressão de uma família, ou as gratificações e melhorias que poderiam ter fluído de um relacionamento mais íntimo?

Um dos conhecidos de Mary daquela época fora o Sr. Clare, que

habitava a casa ao lado da que era arrendada pelo pai, e a quem ela, provavelmente, deve parte do precoce cultivo de sua mente. O Sr. Clare era um clérigo e parece ter sido humorista de um elenco muito singular. Em sua aparência era deformado e delicado, e sua figura - foi-me dito -guardava semelhança com a do célebre Papa. Ele apreciava poesia e não era desprovido de gosto. Suas maneiras expressavam ternura e benevolência, cujas demonstrações pareciam ter sido cultivadas demasiado artificialmente. Seus hábitos eram os de um perfeito recluso, raramente saía da sala de estar, e mostrou a um amigo de Mary um par de sapatos que o serviam, segundo ele, havia catorze anos. Mary frequentemente passava dias e semanas à casa do Sr. Clare.

CAPÍTULO II. 1775-1783

Originou-se, nessa época, uma conexão muito memorável entre Mary e uma pessoa de seu próprio sexo, por quem desenvolveu uma amizade apaixonada, que durante anos constitui-se na paixão dominante de sua mente. O nome dessa pessoa era Frances Blood, dois anos mais velha que Mary. Sua residência era, à época, em Newington Butts, uma vila perto da extremidade sul da metrópole, e a Sra. Clare, esposa do cavalheiro já mencionado, tornou-se o instrumento inicial para essa grande amizade. O conhecimento de Fanny, como o de Clare, contribuíram para amadurecer os imaturos talentos de Mary.

A situação em que Mary foi apresentada à jovem foi semelhante a do primeiro encontro de Werther com Charlotte[1]. Sendo conduzida até a porta de uma pequena casa, peculiarmente mobiliada, bem cuidada e limpa. O primeiro ser que viu foi esta moça de forma esbelta e elegante, com dezoito anos de idade, ocupada em alimentar e cuidar de algumas crianças; irmãos, nascidos dos mesmos pais, mas com idade consideravelmente menor à dela. A impressão de Mary do espetáculo foi indelével e, antes de concluir a conversa, votos de uma amizade eterna haviam conquistado seu coração.

Fanny era uma jovem de realizações extraordinárias, focada e dedicada, que cantava e brincava com gosto. Ela desenhava com requintada fidelidade e por algum tempo, pelo emprego desse talento, manteve seu pai, mãe e família, mas acabou arruinando sua saúde por esforço excessivo. Ela lia e escrevia com considerável aplicação e as mesmas ideias de compostura minuciosa e delicada a seguiam em todas as suas outras ocupações.

Mary, uma garota simplória, quase selvagem, de dezesseis anos, não obstante animada e curiosa, contemplou Fanny no primeiro momento com sentimento de inferioridade e reverência. Embora estivessem muito juntas, a considerável distância entre suas habitações forçou-as a restringir as frequentes visitas, passando a manterem assídua correspondência. Mary achou as cartas de Fanny mais bem escritas e

1. Do livro *Os sofrimentos do jovem Werther* (Die Leiden des jungen Werthers de 1774) romance alemão de Johann Wolfgang von Goethe. Nota da tradução.

melhores que as suas, sentindo-se envergonhada. Até então, prestara atenção superficial à literatura, lendo somente para satisfazer o ardor de uma sede inextinguível de conhecimento, mas nunca havia pensado na escrita como uma arte. Sua ambição de se destacar foi despertada e se dedicou com paixão e seriedade. Fanny se comprometeu a ser sua instrutora e, no que diz respeito à precisão e ao método, suas lições foram dadas com considerável habilidade.

Como já mencionado, na primavera de 1776 o Sr. Wollstonecraft deixou sua habitação em Hoxton e retornou às suas atividades agrícolas de outrora. A situação em que agora se fixava encontrava-se no País de Gales; um evento que foi sentido como um duro golpe ao querido espírito de amizade de Mary. As pessoas mais próximas aos Wollstonecraft neste retiro foram as da família de um tal Sr. Allen, cujas filhas são casadas até hoje com os dois filhos mais velhos do célebre ceramista inglês Josiah Wedgwood.

O País de Gales, no entanto, foi a residência dos Wollstonecraft por pouco mais de um ano e logo voltaram ao seu antigo bairro, em Londres. Mary, que já demonstrava inalterável independência, acabou influenciando a escolha da aldeia de Walworth como destino para que pudesse estar perto da amiga. Provavelmente, pouco antes disso ela tenha considerado uma ou duas vezes a ideia de deixar o teto dos pais e se sustentar. Mas, fora obrigada a renunciar à ideia, não obstante terem combinado de reservar um aposento privativo na casa da família destinado às necessidades de seus estudos. No entanto, tais acordos não seriam contemplados como o desejado, tampouco as suas exigências atendidas. Certa feita, se envolveu em uma compromisso de noivado e tudo estava acertado; já pronta para partir, os desmandos e lágrimas de sua mãe a levaram a renunciar às suas próprias inclinações e abandonar seus planos.

Estes, no entanto, foram apenas atrasos temporários; suas inclinações continuaram as mesmas acarretando, no ano de 1778, aos dezenove anos de idade, em uma proposta para viver como acompanhante da Sra. Dawson de Bath, uma viúva com um filho já adulto. Ao pesquisar, descobriu que a Sra. Dawson era uma mulher de grande

peculiaridade de temperamento que já havia mantido uma variedade sucessiva de damas de companhia, sendo considerada impraticável a permanência nesta função. Mary não se sentiu desencorajada com essa informação, aceitando o desafio com a resolução de que iria superar qualquer percalço, o que nenhuma de suas antecessoras tinha sido capaz de realizar. Mesmo que guardasse motivos para considerar o relato que havia recebido como suficientemente preciso, não desistiu de sua empreitada. Por método, constância e firmeza, encontrou os meios de tornar sua situação tolerável, e a Sra. Dawson, por vezes, confessaria que Mary era a única pessoa que tinha vivido com ela naquela situação, suportando seu tratamento com postura irrepreensível.

Com a Sra. Dawson continuou a residir por dois anos e só a deixou por ocasião rápido declino da saúde e melancolia de sua mãe. Fiel aos apelos da humanidade, Mary, imbuída de grande sentimentalismo, retornou rapidamente ao teto paterno, dantes resolutamente abandonado. A residência de seu pai à época ficava em Enfield, próxima a Londres. Creio ele ter desistido da agricultura desde o momento em que deixou o País de Gales, mais interessado em viver do trabalho em sua própria terra, agora uma fonte de lucros.

O quadro crônico da Sra. Wollstonecraft era irreversível e Mary mostrou-se prestativa nos cuidados à mãe. No princípio, toda atenção foi recebida com agradecimentos e gratidão, mas com os cuidados tornados hábito e a saúde da mãe deteriorando, tais demonstrações de reconhecimento diminuíram na mesma medida do aumento do esforço e trabalho. Nenhuma tarefa era realizada pela infeliz paciente, mas pelas mãos de Mary; o descanso lhe era negado noite ou dia, e quando a natureza se exauria na mãe, a filha estava pronta a assumir seu lugar e tornar-se tão presente, quanto resiliente. As últimas palavras da mãe foram: “Um pouco de paciência, e tudo terminará!” e essas palavras são referidas repetidamente por Mary no decorrer de seus escritos.

Com a morte da Sra. Wollstonecraft, Mary deu o adeus final à morada do pai. De acordo com meus memorandos, refugiou-se com Fanny em Walham Green, perto da vila de Fulham. Como elas viviam juntas, sou incapaz de determinar; certamente não pelo fato de Mary se tornar, de

algum modo, um ônus adicional sobre os ombros de sua amiga. Nesta situação sua compreensão maturou, e ambas se equipararam, fazendo de sua ligação um laço mais enraizado e ativo.

Mary estava sempre atenta ao mal-estar e angústia alheios e, em particular, durante toda a sua vida, ansiosa e ativa para promover o bem-estar de todos os membros de sua família. Em 1780 amparou o leito de morte de sua mãe, e, em 1782, foi chamada por circunstância não menos melancólica para atender sua irmã Eliza, casada com um tal Sr. Bishop, e acamada por meses em situação delicada. Mary permaneceria ao lado da irmã até sua perfeita recuperação.

CAPÍTULO III. 1783-1785

Mary, outrora focada na independência pessoal, chegou aos 24 anos de idade querendo ser útil aos demais; resultado da solidão de assistir à doença da irmã e durante sua subsequente recuperação, em que teve tempo de refletir sobre propósitos maiores. Ao reavaliar sua vida, almejou algo mais relevante do que sua tormenta pessoal e a sensibilidade de seu coração não permitiria que se contentasse em realizações individuais. Os constantes percalços dos assuntos de seu pai tornaram-se cada vez mais marcantes, e uma pequena reserva feita para ela e as irmãs parece ter sido sacrificada em algum destes apuros. Por dez anos, de 1782 a 1792, pode-se dizer que ela foi, em grande parte, *vítima*[1] de um desejo de promover o benefício a outrem. Não enxergou as demandas e decepções deste tipo de propósito, estressou-se por não estar preparada para a falta de reconhecimento do seu esforço, e não levou em conta o fato de que na proporção em que se envolvesse em tramas interpessoais, adquiriria um senso mais requintado acerca das características dos outros, atormentando-se com a falta de reciprocidade e estupidez alheia.

O projeto sobre o qual se debruçou, então, foi uma escola, a ser supervisionada por Fanny Blood, suas duas irmãs e ela própria.

Abriram-na, portanto, no ano de 1783, na vila de Islington, não obstante transferissem a sede para Newington Green meses depois. Ali Mary conheceu pessoas que influenciaram alguns dos eventos futuros de sua vida. O primeiro deles foi, segundo notou, o Dr. Richard Price, célebre por seus cálculos políticos, conhecimento matemático e universalmente estimado por seus colegas pela simplicidade de suas maneiras e ardor de sua benevolência. Uma mútua consideração surgiu entre ambos, tornando-os bem próximos.

Mary fora criada nos princípios da Igreja Anglicana, mas sua estima por esse venerável pregador a levou ocasionalmente a participar de seus sermões públicos. Sua religião era, na realidade, pouco aliada a qualquer sistema formal e, como sempre me dissera, fora mais fundamentada nas intenções particulares do que nas sutilezas de discussões polêmicas.

1. O grifo é nosso. Nota da tradução.

Sua mente se uniu naturalmente ao sublime e ao amável. Ela encontrou um prazer inexprimível nas belezas da natureza e nos esplêndidos devaneios da imaginação. Mas a própria natureza, pensou, não seria melhor do que um vasto espaço em branco se a mente do observador não a suprisse com uma alma animadora. Quando andava entre as maravilhas da natureza, acostumou-se conversar com seu Deus. Uma entidade tão amável, generosa e gentil, quanto sábia e exaltada. De fato, havia recebido poucas lições de religião em sua juventude, sendo quase inteiramente produto de sua própria criação. Mas não era, nem por isso, menos apegada às suas crenças ou menos escrupulosa em cumprir o que considerava suas obrigações. Não conseguia recordar do tempo em que acreditara na doutrina de punições futuras. Os princípios de seu sistema eram o crescimento de seu próprio código moral e, portanto, sua religião sempre foi uma gratificação, nunca um terror. Esperava algum julgamento futuro, mas não permitiria que suas ideias a respeito destes juízos fossem alteradas por noções de justiça e retribuição. A partir deste esboço, é suficientemente evidente, que o prazer que ela assistia ocasionalmente à pregação do Dr. Price não fosse acompanhado de uma adesão supersticiosa às suas doutrinas. O fato é que, até o ano de 1787, frequentava regularmente o culto público em grande parte de acordo com as formas da Igreja Anglicana. Após esse período, sua presença se tornou menos constante e, em pouco tempo, foi totalmente interrompida. Creio que se pode admitir como máxima que nenhuma pessoa de mente bem fundamentada que tenha superado a subserviência infantil e não seja zeloso participante de uma seita, possa se adaptar à rotina pública e regular de sermões e orações.

Outra das amigas que adquiriu nesse período foi a Sra. Burgh, viúva do autor da obra, Political Disquisitions (Disquisições Políticas); uma mulher universalmente conhecida pela cordialidade e pureza de sua benevolência. Mary, em todas as ocasiões em que se referia a ela, até o último período de sua vida, prestou o devido tributo às suas virtudes. O outro único amigo digno de nota do lugar foi o reverendo John Hewlet, agora mestre de um internato em Shacklewel, perto de Hackney, a quem terei ocasião de mencionar mais adiante.

Já havia mencionado que a saúde de Fanny tinha sido comprometida por seus trabalhos incessantes para o sustento de sua família. Ela também tinha sofrido uma decepção amorosa, que afetou seu psicológico. Com a gradual debilidade da saúde, os sintomas de um comprometimento pulmonar foram, enfim, diagnosticados. A recomendação médica era experimentar os efeitos de um clima sulista e no início do ano de 1785 ela navegou para Lisboa.

O primeiro sentimento de Mary pela amiga fora de inferioridade e reverência, mas a partir do convívio de dez anos isso se alterou consideravelmente. No início, Fanny estava muito à frente dela em realizações literárias; contudo, naquele momento essa disparidade não existia mais. Em seu processo de elevação da autoestima, Mary observou características de sua mente que eram deficientes na amiga; a principal delas, a resiliência, uma grandeza invencível da alma, pela qual, depois de uma breve luta interna, ela acostumara-se a superar as dificuldades e o sofrimento. Em tudo que Mary empreendia era bem-sucedida, e, para seu espírito elevado, quase nada que desejava, parecia difícil de executar. Fanny, pelo contrário, era uma mulher de natureza tímida e irresoluta, acostumada a ceder às dificuldades e, provavelmente, ciosa da suavidade mórbida de seu temperamento. Um exemplo que ouvi de Mary foi que, em determinado momento, Fanny, insatisfeita com sua situação doméstica, expressou um desejo sincero de ter um lar próprio. Mary, que não sentia nada mais urgente do que aliviar os inconvenientes de sua amiga, mobilizou-se para ajudá-la. A empresa custou-lhe infinitos esforços, mas com o tempo, finalmente conseguiu anunciar a Fanny que uma casa havia sido encontrada, pronta para recebê-la. A reação de Fanny ao sucesso consistiu basicamente em uma enumeração de dificuldades ao abandono de sua família, coisa que nunca havia pensado antes, mas que agora lhe parecia de considerável peso.

O juízo de Mary sobre a amiga, formado por experiência própria, a levou ao conselho empregado na ocasião. À Fanny foi recomendado que buscasse um clima mais ameno, mas ela não reunia fundos para custear as despesas de tal empreendimento. Naquele tempo, o Sr. Hugh Skeys de Dublin, que residia em Portugal, lhe fez a corte. Seu estado de

saúde não lhe dava muitas esperanças, não sendo, portanto, o momento que levasse em conta um casamento. Fanny entendeu, no entanto, que nada deveria ser omitido do rapaz, mesmo sem expectativa de cura a mudança poderia trazer, pelo menos, alívio. Assim prosseguiu com sua rápida aceitação da proposta fazendo a viagem para Lisboa, casando-se no dia 24 de fevereiro de 1785.

A mudança de clima foi de pouco benefício e a vida de Fanny só foi prolongada pelo período da gravidez. Mary, por sua vez, ficou impressionada com a ideia de que a amiga pudesse morrer neste país distante e, chocada com a lembrança de sua separação do círculo de amigos, decidiu deslocar-se para Lisboa a fim de ajudá-la. Sua decisão foi recebida pelos mais chegados como uma loucura, mas, ela estava decidida em seu ponto de vista. Contudo, não reunia condições financeiras de custear suas despesas, e a viagem acarretaria no longo abandono da escola, cuja existência dependia de seus únicos esforços.

Nenhuma pessoa era mais apta à função educacional; possuía este talento em grau de compreensão e abrangência na plena acepção do termo. Mary era notória por sua perspicácia e forte temperamento, sendo incapaz de se ofender com imprevistos, o que a levou a confiar em sua intuição acerca das intenções das pessoas com quem mantinha alguma transação, associando sua aprovação ou desagrado à cordialidade ou injustiça destas. Era, às vezes, severa e imperiosa em seus ressentimentos e quando desaprovava era capaz de expressar sua censura severamente, o que resultava em uma sensação humilhante à pessoa criticada. Seu descontentamento, no entanto, nunca assumiu uma forma mais ríspida, apenas quando submetida a grande decepção. Quando esperava pouco, não era muito rígida em suas críticas.

Contudo, apesar da severidade de seu temperamento, nunca o era em demasia com seus serviçais ou pessoas mais jovens. Jamais abusava dos indefesos, e uma de suas maiores motivações era a sua proteção. Para seus servos nunca houve alguém mais respeitosa ou gentil. Com as crianças era o espelho da paciência, e, talvez, em toda sua vasta experiência sobre o tema da educação, ela nunca tenha demonstrado um sinal de irascibilidade. Seu coração era porto de cada sentimento

benevolente e, consequentemente, em toda a sua relação próxima com as crianças somente a bondade e a simpatia motivaram sua conduta. A simpatia, quando em certo nível, gera inevitável afeto pela pessoa envolvida, e, ouvi-a dizer que nunca se preocupava com a educação de uma criança menos apegada a ela, mas principalmente em não a desagradar. Outra vantagem eminente no aspecto educacional era sua pouca afetação ao ceticismo e às incertezas. Seguia, como por intuição o caminho escolhido e tinha uma convicção em seu próprio poder para atingir os resultados que desejava. No entanto, nem por isso mostrava traços de obstinação. Mary observou cuidadosamente as situações vivenciadas, avaliando o sucesso de seus experimentos e melhorando seus métodos. É com saudoso pesar que aqui enumero tantas qualidades maternas ao lembrar de suas filhas órfãs!

Embora seus amigos tentassem dissuadi-la da viagem à Lisboa, ela encontrou entre eles uma inclinação para facilitar a execução de seu projeto. A Sra. Burgh, em particular, forneceu-lhe dinheiro, que, no entanto, ela sempre acreditou ter vindo do Dr. Price. Este empréstimo, tenho razões para crer, foi totalmente ressarcido.

Foi durante sua residência em Newington Green que Mary foi apresentada ao Dr. Johnson, à época considerado o pai da literatura inglesa. O médico a tratou com especial bondade e atenção, conversou com ela longamente e desejou repetir sua visita com frequência. Apesar de ter sido este o seu propósito, as notícias da doença do escritor e seu posterior falecimento, impediram-na de uma segunda visita.

Sua permanência em Lisboa não demorou muito. Ela chegou pouco antes do parto prematuro de Fanny, o qual acabou por determinar a morte de ambos, mãe e bebê. Frances Blood, até então a pessoa por quem Mary nutria mais afeição, morreu em 29 de novembro de 1785.

É desta maneira que Mary se refere a ela no relato em suas cartas da Noruega, escritas postumamente, dez anos após o episódio. “Quando um coração recebe fortes impressões, elas não podem ser apagadas. Emoções se tornam sentimentos, e a imaginação faz, mesmo das sensações transitórias, emoções permanentes, revivendo-as

afetuosamente. Não posso relembrar as visões do vivido – que não deve ser esquecido - sem agradável excitação; tampouco os olhares, os quais nunca mais encontrarei. O túmulo se fechou sobre uma amiga querida, a amiga da minha juventude; ainda que ela siga presente em mim e eu ouça sua voz suave, como um tremulo gorjeio enquanto caminho sobre a charneca".

CAPÍTULO IV. 1785-1787

Sem dúvida, a viagem a Lisboa contribuiu consideravelmente para ampliar seu entendimento. Ela acabou admitida na melhor fábrica inglesa do local. Fez muitas observações sobre o caráter dos nativos e os efeitos perniciosos de suas superstições. As obséquias de Fanny, conduzidas na escuridão e sussurros, serviram para reforçar suas impressões neste sentido.

Navegou de volta para casa por volta do dia 20 de dezembro. Ocasião em que um incidente ocorreu em circunstância digna de nota. Durante a travessia prestaram assistência a uma embarcação francesa em grave situação; o navio encontrava-se em vias de afundar e com escassas provisões. Os franceses os chamaram, persuadindo o capitão inglês a abordar e embarcar a tripulação em apuros, socorrendo-os. O capitão argumentou sobre sua falta de provisões para atender ambas as tripulações e passageiros, recusando-se à ajuda. Mary, chocada com aquela aparente insensibilidade, assumiu a causa dos tripulantes franceses e ameaçou o capitão de forma contundente, em que suas ações repercutissem caso aqueles fatos chegassem a Inglaterra. Sua argumentação finalmente prevaleceu, no que veio depois a refletir ter sido sua intervenção a salvar aquelas vidas.

Quando chegou à Inglaterra, descobriu que sua escola tinha sofrido muito com sua ausência. Compreensível a dificuldade em substituí-la, pois se destacava não só na gestão das crianças, mas também, sem grande desgaste, no talento ao atendimento aos pais que amparava.

O período que agora descrito é significativo como o primeiro passo de sua carreira literária. O Sr. Hewlet mencionava com frequência a possibilidade da literatura se tornar para Mary uma fonte de renda, e a urgiu em empenhar-se neste sentido. À época ela ansiava por ajudar os pais de Fanny que pretendiam ir para a Irlanda e, como sempre, ao usar sua visão empreendedora, prontamente abraçou a causa. Para tal fim, escreveu um panfleto de doze capítulos, com cento e sessenta páginas, intitulado *Thoughts on the Education of Daughters* (Pensamentos sobre a educação das filhas). O Sr. Hewlet obteve do livreiro - o Sr. Johnson no St. Paul’s Church Yard - dez guinéus pagos pelo direito da cópia deste

manuscrito, que ela imediatamente aplicou ao objetivo para o qual o panfleto fora escrito, ou seja, para o auxílio da família Blood.

Insatisfeita com a nova configuração de sua escola, bem diferente da que tinha deixado antes da partida para Portugal, (além de outros fatores), Mary optou por encerrar o empreendimento. Crescera nela uma aversão à convivência com as irmãs, imposta pela sociedade nos negócios da escola; tema delicado que, em grande parte, gerava mau humor e infelicidade. A atividade e o espírito ardente de aventura que caracterizavam Mary não eram compartilhados em igual teor por suas irmãs, de modo que uma parcela desproporcional de cada fardo que acompanhava a situação tendia a favor do desenlace. Por outro lado, não seria cabível devido ao nível de polidez e civilidade que os méritos de Mary impunham aos que a conheciam. Sua gentileza para com eles não diminuiu, mas decidiu que seu esforço no futuro deveria ser diferente, direcionado ao benefício geral, contudo sem comprometer sua própria liberdade.

Neste contexto, uma vantajosa proposta foi feita para o cargo de governanta das filhas do visconde de Kingsborough, filho mais velho do conde de Kingston, do reino da Irlanda; vantajosa do ponto de vista das situações pelas quais tinha passado ultimamente. Mary estabeleceu determinados termos para aceitar a função, resolvendo mantê-la apenas por um curto período. Estava sedenta por independência e acreditava não poder encontrá-la senão em uma atividade literária. Esperava, no entanto, acumular uma pequena quantia que lhe permitisse considerar à vontade os diferentes compromissos literários, provendo, assim, eventuais deficiências de suas primeiras tentativas.

A proposta junto à família do Lorde Kingsborough lhe foi oferecida por intermédio do Reverendo Prior, à época um dos mestres da escola Eton. Passou algum tempo na casa deste cavalheiro, logo depois de desistir da escola em Newington Green, na qual teve a oportunidade de fazer observações precisas sobre os modos e a conduta daquele célebre seminário. De tudo o que viu pode confirmar sua opinião favorável acerca das escolas cotidianas, nas quais, como ela expressa, “as crianças têm a oportunidade de conversar entre si, sem interferências de seus afetos

domésticos, formando uma base virtuosa".

Embora sua permanência com a família de Lorde Kingsborough tenha durado pouco mais de doze meses, ela deixou uma impressão da mais alta estima entre eles e seus conhecidos. As governantas que as moças tiveram, até então, figuravam apenas como servas superiores, controladas em cada detalhe pela mãe; contudo, Mary insistiu no exercício de sua própria autonomia no trato com as meninas. Quando as jovens ouviram falar de uma governanta vinda da Inglaterra, imaginaram se tratar de uma nova inimiga e resolveram se proteger adequadamente. Mary, no entanto, rapidamente conseguiu ganhar sua confiança e a amizade, sobretudo por Margaret King, hoje condessa Mount Cashel, filha mais velha e de rara cordialidade e afeto. Mary sempre exaltou a proeminência de suas capacidades intelectuais e a íntegra amabilidade de sua conduta.

Lady Kingsborough, não obstante bem-intencionada, impôs às filhas uma série de proibições, tanto quanto aos livros que deveriam ler, como em muitos outros aspectos. Restrições que tiveram seus efeitos usuais, promovendo um desejo desordenado pelas coisas proibidas e certa indulgência clandestina. Mary imediatamente lhes restaurou a liberdade, conduzindo-as por afetuosa conduta. Por consequência desta postura moderada as jovens acostumaram-se às indulgências também moderadas, inquietando-se sob qualquer outra que não tinha a aprovação de sua governanta. Os efeitos salutares do novo sistema de educação tornaram-se logo visíveis e Lady Kingsborough, que se sentiu levemente enciumada, indagando-se sobre os afetos e preferências das filhas pela governanta.

Mary fez muitos amigos na Irlanda, principalmente entre as pessoas que visitavam a casa de Lorde Kingsborough, pois sempre aparecia por lá com ar de igual e não de uma dependente. Ouvi-a mencionar a angústia ridícula de uma mulher de posses, cujo nome não recordo, que, de um extenso grupo de pessoas, engajou-se com Mary em longa conversa. Após findado o diálogo, ao perguntar com quem estava falando e descobrir a verdade, demonstrou-se mortificada e com grande desânimo, por ter se tratado apenas da governanta da senhorita King.

Uma das pessoas entre seus conhecidos irlandeses a quem Mary costumava referir-se com grande estima era o Sr. George Ogle, membro do parlamento do condado de Wexford. Respeitava e exaltava seus talentos, tendo certeza da bondade de seu coração, considerando-o como o cavalheiro mais perfeito que já conhecera, e sentindo certa decepção por sua recente postura junto à política irlandesa.

A família de Lord Kingsborough passou o verão do ano de 1787 em Bristol Hot-Wells e decidiram prosseguir dali para o continente, um passeio no qual Mary pretendia acompanhá-los. O plano, no entanto, foi abandonado de última hora e Mary, consequentemente, encerrou sua ligação com eles mais cedo do que pretendia fazê-lo. Em Bristol Hot-Wells, compôs o livrinho que leva o título de *Mary, uma Ficção*. Parte considerável dessa história consiste, com certas modificações, nos incidentes de sua amizade com Fanny. Os demais eventos que não se relacionam com esse assunto são fictícios.

Este pequeno trabalho, se Mary nunca tivesse produzido mais nada, já serviria o suficiente às pessoas de verdadeiro gosto e sensibilidade, para estabelecer a eminência de sua genialidade. A história em si era despretensiosa. Alguém que olhasse o livro por acidente, provavelmente o deixaria de lado, desinteressado. Mas os sentimentos contemplados eram os mais verdadeiros e requintados; cada circunstância adornada com essa espécie de imaginação, que se alista sob a flâmula de delicadeza e emoção. Uma obra sentimental, assim considerada, muitas vezes, é apenas outra designação para uma obra de afetação. Aquele que julgasse as sensações deste livro como afetadas, seria digno de nossa mais profunda compaixão.

CAPÍTULO V. 1787-1790

Absolutamente determinada a pôr seus planos literários em prática, Mary veio de Bristol direto para a metrópole. Sua postura neste ínterim se voltava mais à satisfação pessoal e a do Sr. Johnson, seu editor, com quem já estabelecera uma amizade mais próxima. Ela o visitou por ocasião da publicação de *Thoughts on the Education of Daughters* e durante este intervalo na Irlanda, dirigiu-lhe duas ou três cartas. Ao chegar a Londres, em agosto de 1787, foi imediatamente à sua casa e, com grande franqueza, explicou-lhe seus intentos, enquanto solicitava seu conselho e assistência quanto à execução do projeto. Após uma breve conversa, o Sr. Johnson a convidou para ficar hospedada em sua casa até que conseguisse uma residência fixa; ali Mary permaneceu por cerca de duas ou três semanas, período em que aproveitou para visitar alguns amigos próximos à cidade.

No feriado de Michaelmas de 1787, fixou-se em uma casa na rua George, à margem de Surry, da Black Friar's Bridge, providenciada pelo Sr. Johnson durante sua excursão pelo país. Pode-se afirmar que os três anos seguintes tenham sido de produtividade e empenho, caracterizando um período bem ativo de sua vida. Trouxe consigo para este local o romance de Mary, que ainda não havia sido enviado à prensa, e o início de um conto oriental intitulado, Cave of Fancy, o qual optou por abandonar. Foi-me dito que, no período referido, Mary encontrava-se desanimada, pesarosa e melancólica pela perda de sua jovem amiga. Dois anos haviam se passado, mas a composição da obra ficcional reforçara as dolorosas lembranças. Logo após sua mudança para a casa nova produziu um pequeno trabalho intitulado Original Stories from Real Life , destinado ao público infantil. No início de sua carreira literária sabe-se de sua veemente aversão a ser considerada por amigos próximos como uma autora, tendo se precavido contra tal.

A atividade sugerida pelo livreiro como fonte mais rápida e segura de renda seria a tradução. Neste intuito Mary melhorou seu francês, com o qual já adquirira algum conhecimento, e estudou as línguas italiana e alemã. A maior parte de seus compromissos literários à época eram aqueles apresentados pelo Sr. Johnson. Assim, revisou e resumiu

uma obra, traduzida do holandês, intitulada *Young Grandison*; iniciou a tradução do francês de um livro chamado *New Robinson*, embora neste projeto outro tradutor a tenha antecipado na conclusão. Compilou uma série de trechos em versos e prosa sob o modelo do *Speaker*, de Dr. Enfield, o qual contempla o título de *Female Reader*, mas, que por motivos indignos de nota, vem sendo impresso com um nome diferente na página de rosto desde então.

Em meados do ano de 1788, o Sr. Johnson instituiu a Analytical Review na qual Mary teve participação considerável. Ela também traduziu de Necker a obra *Importance of the Religious Opinions*, fez um resumo das críticas de Lavater em sua Physiognomy (Fisionomia de Lavater), do original francês nunca publicado, e redigiu a versão de bolso de *Elements of Morality for the Use of Children* (Os Elementos da Moralidade para o Uso de Crianças), de Salzmann, uma produção alemã, para três volumes. A tradução da obra de Christian Gotthilf Salzmann produziu uma correspondência entre Mary e o autor, que posteriormente retribuiu-lhe a gentileza com uma versão alemã dos Direitos da Mulher. Tais eram suas principais ocupações literárias desde o outono de 1787 até o outono de 1790.

Vale notar que esse tipo de emprego literário não puramente autoral poderia, pelo menos neste momento, parecer mais desanimador e restritivo do que revigorante e exaltante ao gênio. Um escritor acaba se acostumando a ver suas performances restritas ao mero objetivo financeiro, e diminuídas perante àquelas produções que considere superiores às suas. Neste sentido, muito pela ausência de uma mente que lhe espelhasse a confiança, uma mente, talvez, ainda inexistente, que pudesse manter o pleno vigor de seu entusiasmo meio a este tipo de isolamento, sendo assim tocado pela ineficácia da mediocridade. Acredito que nada que Mary tenha produzido durante esse período esteja marcado pelos voos ousados que se observam na pequena ficção que ela compôs pouco antes de seu início como autora. Entre as efusões de um elenco mais nobre em sua escrita, creio, ocasionalmente, intercalar-se parte dessa linguagem familiar, calculada para esmorecer a coragem moral, destinada ao despertar. Isso pode ser atribuído às causas acima

descritas, provavelmente.

Como outrora comentado, um dos propósitos concebidos por Mary anos antes, necessário para saborear o esboço da vida humana, de outro modo insípido ou amargo, consistia em fazer-se útil, principalmente aos familiares. Nesse ínterim, o período de sua existência, do qual agora trato, destaca-se além de uma mera visão literária. Ela decidiu aplicar a maior parte possível dos recursos de seus atuais trabalhos na assistência aos amigos e aflitos e, para esse fim, estabeleceu para si um regime econômico bem rígido. Se se dedicou com empenho pela capacitação de suas irmãs, percebendo que não haveria posição mais agradável ou confortável que o cargo de governantas em famílias particulares, e dedicou-se a qualificá-las para tal. Sua irmã mais nova, enviou para Paris, onde permaneceu por volta de dois anos. A mais velha foi alocada em uma escola próxima a Londres; primeiramente como balconista e depois, como professora. Seu irmão James, que já havia trabalhado embarcado, primeiramente acolheu em sua casa, direcionando-o depois para Woolwich a fim de receber instruções, o que o qualificou para uma posição respeitável na marinha real, onde foi nomeado tenente em pouco tempo. Charles, que era seu irmão favorito, tinha a mesma formação do mais velho, advogado nos Minories; mas, insatisfeita com sua situação, optou por removê-lo, após direcioná-lo à capacitação junto a um fazendeiro, de onde depois seguiria para a América e lá prosperado. A razão pela qual tantos cuidados parentais terem recaído sobre ela fora a do considerável embaraço de seu pai. Tendo seus negócios se tornado complexos demais para que pudessem ser resolvidos, cedeu suas terras ao cuidado de terceiros; mas Mary, insatisfeita com a conduta das atividades, tomou-a para si. Seus esforços neste intuito e a luta que acabou por empreender, no entanto, acabaram sendo infrutíferos. Até o dia de sua morte, o pai era quase totalmente sustentado por fundos que ela fornecia. Além dos esforços empregados em sua própria família, Mary acolheu uma jovem de cerca de sete anos de idade sob sua proteção e cuidados, sobrinha da Sra. John Hunter e da atual Sra. Skeys, com cuja mãe, recentemente falecida, mantivera sincera amizade.

O período entre fins de 1787 até o final do ano de 1790, embora

consumido em trabalhos de pouco destaque, serviu ainda mais para estabelecê-la em uma conexão amigável com o Sr. Johnson, o livreiro, que nutria respeito pessoal por Mary, em muitos aspectos semelhantes ao de um pai. Como frequentava constantemente sua casa, naturalmente se aproximou de seus convidados. Entre eles podem ser mencionadas algumas pessoas de grande estima: Sr. Bonnycastle, o matemático, o falecido Sr. George Anderson, contador do conselho de controle, Dr. George Fordyce e o Sr. Fuseli, o célebre pintor. Pelos dois últimos nutriu afeto genuíno e uma grande amizade.

CAPÍTULO VI. 1790-1792

Até então a carreira literária de Mary, havia, em grande parte, silenciado; apesar de rentável, não lhe trouxera os louros da fama. Desde então, estaria destinada a atrair a atenção do público, nunca alcançado por outra autora, tamanho o grau de sua celebridade em toda a Europa.

Não se pode duvidar que nos três anos de trabalho literário, “mantivesse silenciado seu tom pessoal”, enquanto sua mente inconscientemente avançava na direção de uma vigorosa maturidade. O hábito ininterrupto da composição dava liberdade e firmeza à expressão de seus sentimentos. A sociedade que ela frequentava, nutria sua compreensão e ampliava sua mente. A Revolução Francesa, embora tenha causado um choque essencial ao intelecto humano em todas as regiões do globo, não deixou de produzir um efeito conspícuo no progresso das reflexões de Mary. Os preconceitos de seus primeiros anos sofreram veemente abalo, minando seu respeito pelas instituições. À época, um mal-entendido público envolvendo uma amizade antiga, cujo apego a credos retrógrados e absurdos deferidos havia ultrapassado os limites, indignando-a em seus pensamentos libertários, rapidamente voltados a uma corrida pela independência.

O evento, imediatamente anterior à posição que então ocupava aos olhos da literatura, foi a publicação das Reflexões sobre a Revolução de Burke, na França. O livro, depois de muito esperado, finalmente chegara a público em 1 de novembro de 1790. Mary, tomada por sentimentos de liberdade e impressionada com um caloroso interesse pela luta que estava ocorrendo, pegou sua caneta na primeira explosão de indignação, uma emoção à qual era fortemente suscetível. Acostumada a compor rapidamenmte, engajou sua resposta à obra, a primeira de outras tantas, obtendo repercussão extraordinária. Marcada pela veemência e impetuosidade de sua pitoresca eloquência, foi acusada de um tratamento desdenhoso e intemperado do grande homem contra quem seu ataque fora dirigido. Mas a circunstância não prejudicou o sucesso da publicação. Burke, calorosamente amado pelos amigos mais liberais e esclarecidos da liberdade, a todos inflamara e revoltara com a fúria de

suas reflexões sobre o que consideravam sua causa sagrada.

Por mais rápido que tenha sido o tempo para redigir sua Resposta às Reflexões de Burke, uma curiosidade confidenciada a mim sobre o fato, julgo digna de nota. Tendo sido enviada à prensa, como de praxe quando a publicação antecipada de uma obra é considerada importante, o fora antes que a composição estivesse de fato finalizada. Quando Mary chegou ao meio da escrita, foi tomada por um acesso temporário de torpor e apatia, arrependendo-se do empreendimento. Nesse estado de espírito fez uma visita ao seu editor procurando acalmar os ânimos em uma conversa breve. A habitual honestidade de sua natureza levou-a a descrever o que acabara de passar em seus pensamentos. O Sr. Johnson gentil e amigavelmente a acalmou de pronto, no sentido de não se constranger em seu intento, despreocupando-se com as folhas já impressas, que ele, prontamente descartaria para atendê-la. Mary almejava um estímulo à sua empreitada. Não esperava receber encorajamento, no que bem sabia ser um acesso irracional de indolência. O apoio e compreensão do amigo lhe parecendo indulgente, acabou por despertar seu orgulho. Voltou para casa e pôs-se a prosseguir até o final de seu trabalho, sem outras interrupções além do absolutamente indispensável.

É provável que os aplausos que acompanharam sua Resposta a Burke, tenham elevado sua autoestima. Sempre sentira muita confiança em suas próprias capacidades, mas, sem dúvidas a sensação de real acolhida e receptividade do público só fez aumenta-la e estimular-lhe à aventura, como qualquer ser humano. Assim, Mary naturalmente procedeu, pouco tempo depois, à composição de sua produção mais célebre, a *Reivindicação dos direitos da mulher*.

Nunca uma autora abraçara uma causa com um desejo mais ardente, não como uma declamadora florescente ou memo vazia da causa, mas uma heroína eficaz. Ela se considerava defensora de metade da espécie humana, que, trabalhando sob tal jugo ao longo do tempo cognoscível, havia sido degradada da posição de seres racionais, quase rebaixadas ao nível dos animais. Com efeito, viu que muitas vezes mulheres eram mantidas em grilhões de seda e subornadas, em troca de amor, à escravidão, mas o disfarce e a traição serviram apenas para

reiterar de forma plena sua oposição ao sistema. Considerava seu sexo, na língua de Calista, “Em todas as esferas, escravas dos homens”. As mais abastadas, alternadamente, sob o despotismo de um pai, um irmão e um marido, enquanto nas classes medíocres e mais pobres, quando não alijadas da aquisição do pão com independência, o eram dos próprios meios de uma subsistência diligente. Tais eram as opiniões que ela nutria acerca do assunto e tais os sentimentos com os quais alimentou suas ideias.

A obra de Mary é, certamente, uma produção muito ousada e original. A força e firmeza com que a autora repele as opiniões de Rousseau, Dr. Gregory e de Dr. James Fordyce acerca da condição das mulheres não pode deixar de causar uma forte impressão em todo leitor mais capacitado. O público em geral formou opiniões muito diferentes a respeito do caráter de sua performance. Muitas das impressões são, sem dúvida, de uma perspectiva masculina. A maneira espirituosa e decisiva com que ela explora o sistema de galanteria e as supostas homenagens com as quais o sexo geralmente é tratado chocou a maioria. A novidade produzira uma inclinação em sua mente confundida com a sensação de injustiça. As criaturas bonitas e suaves que costumam ser encontradas no sexo feminino, e aquela classe de homens não admitia tal beleza sem a serenidade a ela associada, confrontava a posição da autora como doutrina herética e mesmo blasfêmia. Há, com efeito, passagens ocasionais de caráter severo e áspero, incompatíveis com a verdadeira verve da escritora. Mas, se não pertenciam ao seu ânimo permanente, deviam-se ao seu caráter *pro tempore*, registro de seus pensamentos, a despeito de qualquer moderação.

No entanto, junto com esse temperamento rígido, algo digno de uma Amazona grega, presente em algumas partes do livro, é impossível não observar o requinte da imaginação e uma delicadeza trêmula de sentimento que teriam honrado um poeta, pleno de tudo. As visões de uma *Armida* ou uma *Dido*[1].

1. Armida era uma feiticeira de um poema de amor em tempos das cruzadas (personagem fictícia, criada por Torquato Tasso, poeta italiano da renascença). Dido refere-se a lenda da rainha fundadora da cidade-estado de Cartago. Ambas nutriram amores perdidos; Dido, um guerreiro que deveria matar, mas se apaixonou por ele. Armida teve o esposo abatido em combate. Independente dos percalços, sempre se

A contradição foi igualmente grande no que concerne sua apreensão, tanto em relação a autora quanto ao teor do livro em si. Defensora de seu sexo, descrita como determinada a conquistar todos os direitos do homem, dos inclinados por curiosidade e predisposição a conhecê-la, imaginavam deparar-se com desajeitada figura, robusta e musculosa; e não surpreendentemente, encontravam uma mulher adorável, no melhor e mais envolvente sentido, feminina em todas as suas maneiras.

A *Reivindicação dos direitos da mulher* é, sem dúvida, uma apresentação bem desigual no desempenho de graça, deficiente em método e composição. Quando julgada pelas velhas leis, há muito estabelecidas, da composição literária, dificilmente poderia aspirar à primeira classe de produções humanas. Mas quando consideramos a importância de suas doutrinas e a eminência de genialidade por ela exibida, não parece improvável que seja lida enquanto persevere e exista a língua inglesa. A publicação deste livro se estabelece como um épico no assunto, e Mary Wollstonecraft terá doravante prestado serviços mais substanciais pela causa de seu sexo do que todos os outros escritores, homens ou mulheres, que alguma vez se sentiram animados em nome da beleza oprimida e ferida.

A censura de qualquer crítica liberal aos defeitos deste desempenho, transforma-se em espanto, quando digo que tal obra de peso inestimável fora iniciada, continuada e finalizada no estado em que agora se apresenta, em um período não superior a seis semanas!

Aqui faz-se necessário que eu retome o assunto da amizade que subsistiu entre Mary e o Sr. Fuseli, provando-se fonte dos eventos mais memoráveis de sua história subsequente. Natural da república da Suíça, passou a maior parte de sua vida na ilha da Grã-Bretanha. A eminência de seu gênio dificilmente pode ser contestada, de fato corroborada pelo testemunho de alguns dos mais consideráveis artistas contemporâneos. Possuía uma das características mais marcantes do gênio, um espírito de aventura ousado e perseverante. O trabalho em que se encontrava então envolvido - uma série de fotos para ilustrações de Milton, em larga

---

mantinha uma lembrança duradoura pelas perdas dramáticas. Nota da tradução.

escala, produzida por estímulo próprio - é prova disso, se de fato toda a sua vida não o atesta suficientemente.

Sr. Fuseli foi um dos amigos mais antigos de Johnson e tinha o hábito de visitá-lo duas ou três vezes por semana. Mary, cuja característica bem marcante, dentre outras tantas, era a requintada sensação de prazer que experimentava pelas associações visuais, até então nunca havia se interligado tão prontamente, ou estivera intimamente familiarizada com um pintor eminente. Uma vez introduzida ao convívio com o Sr. Fuseli muito apreciou sua companhia, enquanto ele encontrava em Mary uma pessoa mais suscetível às emoções que a pintura almeja impressionar do que em qualquer outra pessoa. A pintura e os assuntos relacionados a esta arte eram seus temas quase constantes de conversação e ambos os consideravam inesgotáveis. Sem dúvidas, uma espécie de exercício muito propício ao seu aprimoramento intelectual.

Nas relações humanas o convívio causa uma alquimia e, se Mary obteve melhorias com o Sr. Fuseli, possivelmente tenha também contraído os efeitos de algumas de suas falhas. No início da vida Fuseli era ardentemente apegado à literatura, mas as demandas de sua profissão o impediram de manter aquele conhecimento extensivo e indiscriminado atribuído a tal erudição, o que os estudiosos das belas-letras frequentemente possuem. Consequentemente, os textos de seus anos de juventude continuavam sendo seus únicos favoritos. Homero era para o Sr. Fuseli o depositário de toda perfeição humana. Milton, Shakespeare e Richardson também chamavam muita sua atenção. O rival mais próximo de Homero, creio, (que fosse possível alguém rivalizá-lo) era Jean Jacques Rousseau. Um jovem abraça a opinião de seu escritor favorito, e Fuseli não tivera tempo de revisar sua opinião de juventude. Impressionado com a concepção de Rousseau da perfeição do estado selvagem e do nível de abortividade essencial à civilização, o Sr. Fuseli olha para todas as menores tentativas de melhoria com um espírito deveras aproximado do desprezo e da indiferença. Uma de suas posturas favoritas era a divindade do gênio. Este, um poder que viria direto do Criador de todas as coisas aos primeiros ensaios de um homem de verdadeiro gênio, e como tais, dispensando correções e revisionismos.

Acrescente-se a isso que o Sr. Fuseli fosse uma espécie de mentalidade cáustica, com muita inteligência e disposição para censurar tudo o que era novo ou moderno. Acredito que Mary tenha saído da escola do Sr. Fuseli mais cínica do que quando entrara.

Mas a principal circunstância referente à relação de Mary com o célebre artista ainda precisa ser registrada. Ela o encontrava frequentemente, com quem se encantou, divertiu e instruiu. Sendo ele um pintor era impossível que não desejasse ver suas obras e, consequentemente, frequentar sua casa. Por visitá-lo, suas visitas foram retribuídas. Não obstante a desigualdade de seus anos, Mary não tinha temperamento para vivenciar tamanha intimidade com um homem de mérito e gênio, sem amá-lo. Os sentimentos que desfrutou com sua arte foram transferidos e associados à sua pessoa. O que experimentou a esse respeito foi, sem dúvida, aumentado pelo estado de celibato e restrição em que vivia até então, e ao qual as regras da sociedade polida condenavam a uma mulher solteira. Ela concebeu um carinho pessoal e ardente por ele. O Sr. Fuseli era casado e sua esposa conhecia Mary. Percebendo prontamente as restrições que essa circunstância lhe parecia impor, tentou adaptar-se a quaisquer dificuldades. Não que fosse insensível ao valor dos afetos domésticos entre pessoas de sexo oposto, mas por desprezar a mera suposição de sua conduta alheia às leis de seu tempo.

Talvez não seja mais apropriado do que o presente para declarar seus princípios sobre este assunto, pelo menos como se encontravam quando a conheci melhor. Ela atribuía um grande valor à afeição mútua entre pessoas de sexos opostos. Tratava-se do principal consolo da vida humana. Sua máxima era: “a imaginação deveria despertar os sentidos, e não os sentidos a imaginação”. Em outras palavras, que o que fosse relacionado à gratificação dos sentidos deveria ser suscitado em um ser humano de mente pura, apenas como consequência de uma afeição individual. Ela considerava os modos e hábitos da maioria do nosso sexo a esse respeito, com forte desaprovação, concebendo que a verdadeira virtude prescreveria o celibato mais pleno, somente das afeições, e a fidelidade mais perfeita a estas quando existissem. Não há

razão para duvidar que, se o Sr. Fuseli tivesse se separado no período de sua declaração, teria sido o homem de sua escolha. Do jeito que era, concebeu ser praticável e elegível, cultivar uma afeição distinta por ele e promovê-la por meio de relações carinhosas, com uma reciprocidade de gentileza, sem se afastar no menor grau de suas regras pessoais de conduta.

Em setembro de 1791, deixou a casa que ocupava em George-Street, indo para um grande e luxuoso apartamento em Store Street, em Bedford-Square. Começou a pensar que fora rígida demais no que tangiam as leis da frugalidade e da abnegação, às havia se submetido em sua carreira literária e, naquele momento, aflorou seu asseio por limpeza, sempre observado escrupulosamente, com certo grau de elegância, inclinando-se às indulgências moderadas por móveis e acomodações, pelas quais retinha um gosto forte e incólume.

Foi no mês de novembro do mesmo ano (1791) que o escritor dessa narrativa esteve pela primeira vez na companhia da pessoa com quem futuramente se relacionaria. Estávamos na casa de um amigo, junto com o Sr. Thomas Paine[2], e uma ou duas outras pessoas. O intento, parcial, era ver o autor dos Direitos do Homem, com quem nunca conversara antes.

A entrevista não foi muito afortunada; Mary e eu saímos mutuamente descontentes. Não havia lido sua obra; mal olhara sua resposta a Burke e fiquei incomodado, pois homens de letras tendem a ser irritáveis com determinados conteúdos ofensivos, repelindo as inconsistências gramaticais, minuciosamente rígidos com certos pontos da composição. Eu tinha, portanto, pouca curiosidade em conhecer a Sra. Wollstonecraft e, por outro lado, estava muito interessado em conversar com Thomas Paine. O Sr. Paine de costume não era um grande falador, embora ocasionalmente fizesse algumas observações perspicazes e marcantes; a conversa se manteve, portanto, entre Mary e eu. Consequentemente, ouvi-a com muita frequência quando desejava saber as opiniões dele.

Abordamos uma variedade considerável de tópicos, particularmente

---

2. Thomas Paine foi um intelectual e político britânico, influente na Revolução francesa e americana, além de figurar no rol dos Pais Fundadores dos Estados Unidos. Nota da tradução.

sobre os personagens e ações de certos homens eminentes. Mary, como já foi observado, adquiriu o pernicioso hábito de ver o lado sombrio das coisas e estabelecer fortes censuras onde as circunstâncias eram duvidosas em qualquer aspecto. Eu, contrariamente, era propenso a opiniões favoráveis e, particularmente, onde encontrava marcas de genialidade inequívoca, fortemente inclinado à suposição de virtude generosa e viril. Debatemos, assim, Voltaire e outros polêmicos, que mesmo tendo obtido de alguns ardente admiração, haviam sido severamente criticados pela maioria. Ela, finalmente, viu-se provocada a me dizer que aquele tipo de enaltecimento, esbanjado forma eu fizera, não poderia fazer nenhuma exaltação nem para o elogiado, ou para seu comentador. Discutimos algumas questões sobre religião, das quais sua aquiescência foi bem maior que a minha. À medida que a conversa prosseguia, fiquei insatisfeito com meu próprio tom. Abordamos grande variedade de tópicos, sem forçar ou estabelecer qualquer conexão mais profunda. Em outra ocasião lhe fiz a justiça, confessando minhas considerações sobre ela em conversa com conhecidos, durante a ceia; embora pouco explanar minha culpa, admiti nela a firmeza de um pensamento ativo e independente, não obstante a recíproca não ter sido verdadeira. Nos encontramos duas ou três vezes no curso do ano seguinte, mas fizemos pouco progresso no intuito de uma relação mais cordial.

No final de 1792, Mary partiu para França, onde residiu por mais de dois anos; sua principal motivação no período estava direcionada ao Sr. Fuseli, creio eu. A princípio, considerou razoável e correto cultivar o que me é permitido chamar de afeição platônica, mas, com o passar do tempo não encontrou plena satisfação neste intuito, frustrando suas expectativas. Apesar do prazer de sua companhia, que verdadeiramente gostava, percebeu que qualquer coisa a mais seria fruto de vã esperança infundada. Sua imaginação ardente estava continuamente conjurando imagens da felicidade que ela poderia ter vivido se a sorte tivesse favorecido sua união mais íntima. Se percebia inclinada ao afeto doméstico e por todas aquelas ternuras que os homens de sensibilidade sempre tratam como o lado mais caro à sociedade. Não se sentia atraída pelo convívio social frívolo e as conversas supérfluas. Se sentia sozinha,

por assim dizer, no meio de sua própria espécie, e lamentou-se ao refletir que os melhores anos de sua vida haviam sido gastos nessa solidão sem conforto. Essas ideias fizeram de sua relação cordial com o Sr. Fuseli, que a princípio fora um de seus maiores prazeres, uma fonte de tormento perpétuo. Percebeu que era necessário romper a cadeia dessa associação em sua mente e, para esse fim, determinada a buscar novos climas, se misturou em um cenário diferente.

Singular que durante sua residência na rua Store, por um período de pouco mais de doze meses, nada tenha produzido, exceto por alguns artigos na Analytical Review (Revisão Analítica). Suas meditações literárias foram principalmente empregadas para a sequência dos Direitos da Mulher, não obstante nenhum dos escritos ou rascunhos do referido período comprove este seu objetivo.

CAPÍTULO VII. 1792-1795

Originalmente, o plano de Mary referente a sua permanência na França não era preciso em termos de sua duração, sendo seu único objetivo o esforço para curar sua mente abalada. Com isso, nem mesmo suspendeu sua hospedagem em Londres e, para alguns amigos que a viram pouco antes de sua partida, mencionou apenas uma ausência de seis semanas.

Não é de se admirar que a excursão tenha produzido os efeitos esperados. Estava em uma terra de estranhos, não conhecia ninguém, enfrentando dificuldades de comunicação para entender e se expressar no idioma do país. Sua primeira residência foi em uma mansão espaçosa para a qual fora convidada, mas o anfitrião (Monsieur Fillietaz) estava ausente no momento de sua chegada. A princípio, portanto, se viu cercada apenas por criados. Uma persistente melancolia removia toda beleza de tudo que presenciava e, sob este estado de ânimo, iniciou uma série de cartas sobre o caráter da nação francesa, uma das quais encaminhou ao seu editor, cuja publicação encontra-se na coleção de seus livros póstumos (complemento destas memórias). Esse trabalho logo foi interrompido e era, como ela justamente observou, tingido do temperamento saturnino que naquele momento permeava seus pensamentos.

Mary visitou várias famílias agradáveis em Paris e fortaleceu sua amizade com Paine. Lá também travou amizade muito sincera com Helen Mary Williams, autora de uma coleção de poemas de mérito incomum, que também residia em Paris. Outra pessoa a quem sempre se referiu com ardor, tanto pela excelência de sua disposição quanto pela perspicácia de sua genialidade, foi o Conde Slabrendorf, de origem sueca, creio. Desnecessário mencionar que ela conhecia pessoalmente a maioria dos líderes da Revolução Francesa.

Mas a casa quecreio ter frequentado no período era a do Sr. Thomas Christie, um homem de atividades mercantes a quem se atribui a escrita de um volume sobre a Revolução Francesa. Com a Sra. Christie sua interação era mais intimista do que com o marido.

Por volta de quatro meses após de sua chegada a Paris, em

dezembro de 1792, estabeleceu uma ligação que lhe trouxe de volta a velha sensação esperada de tranquilidade e plenitude. Tal figura (cujo nome seria inútil suprimir, dado o alcance da reputação de Mary), era Gilbert Imlay, um norte-americano.

O lugar em que o viu pela primeira vez foi na casa do Sr. Christie, em que se note, inicialmente, seus sentimentos foram de antipatia; assim mantidos por algum tempo, evitou encontrá-lo sempre que possível. Após fazê-lo, no entanto, rapidamente seus sentimentos mudaram, tornando-se mais gentil à sua presença.

Antes que tudo isso ocorresse, Mary decidiu viajar à Suíça, por razões financeiras. Contudo, encontrou algumas dificuldades em obter um passaporte, além de sua relação com o Sr. Imlay, que acabou por determinar sua escolha por um alojamento em Neuilly, vila a cinco quilômetros de Paris. Sua habitação ali era uma casa solitária no meio de um jardim, sem outros habitantes além dela e o jardineiro, um homem velho que realizava muitas funções na residência e, por vezes, até mesmo disputava a honra de arrumar a cama. O jardineiro tinha uma grande veneração por sua hóspede e lhe disponibilizava, quando sozinha, algumas uvas de um tipo particularmente fino, as quais Mary não conseguiria sem certa dificuldade, a não ser se algum visitante lhe trouxesse. Foi ali que concebeu, em grande parte, a escrita de sua visão histórica e moral da Revolução Francesa[1], na qual, como observou, eram incorporadas à maioria das observações que havia colecionado em suas Cartas, obra escrita com mais sobriedade e alegria do que o tom inicial. À noite, estava acostumada a se refrescar com uma caminhada em um bosque vizinho, hábito do qual seu anfitrião se esforçava, em vão, por dissuadi-la, recontando os diversos assaltos e assassinatos horríveis que haviam sido cometidos ali.

Acerca do início do apego que Mary agora estabelecia não confidenciava, tampouco pedia conselhos para tais assuntos do coração; sempre imaginou ser falta de decoro estabelecer qualquer confidência sobre assuntos amorosos, para ela de natureza sagrada. O início de sua

---

1. Nenhuma parte deste trabalho foi encontrada entre os pertencesses deixados pela autora. Nota do autor.

ligação se deu em meados de abril de 1793, relação mantida oculta por quatro meses. Ao término desse período, um fato expôs sua condição. A convenção francesa, exasperada com a conduta do governo britânico, particularmente no Caso de Toulon, estabeleceu um decreto contra os cidadãos deste país em um artigo no qual os ingleses residentes na França foram condenados à prisão até o retorno da paz geral. Mary se opusera a um casamento com Imlay no início de seu relacionamento por não desejar envolvê-lo em certos embaraços familiares aos quais estava exposta, tampouco onerá-lo das demandas pecuniárias de custeá-la. No entanto, considerava seu compromisso de natureza sagrada, planejando assim emigrar para a América, logo que reunissem condições financeiras, permitindo-lhes o enlace de modo adequado. No entanto, o decreto referido habilitava Mary a tomar o nome de Imlay, devido à natureza de sua conexão, sem a obrigatoriedade de um casamento; o que de fato ela aquiesceu ser seu direito fazer, obtendo um certificado do embaixador americano que a estabelecia como esposa de um nativo daquele país.

Sendo seu compromisso assim declarado, ambos acharam apropriado residir sob o mesmo teto e, para este fim, seguiram para Paris.

Mary chegava agora à condição, anos antes imaginada, da mais substancial perspectiva de felicidade. Até então havia sido jogada e agitada pelas ondas do infortúnio. Sua criação, como costumava dizer, tinha conhecido poucos dos carinhos que constituem a principal felicidade da infância. O temperamento de seu pai havia contribuído bem cedo à sua mente um elenco severo de pensamentos, substituindo a inflexibilidade resiliente à confiança do afeto. A alegria de do início de sua consciência sobre a feminilidade, escurecida por uma vigília sobre o leito de morte de sua mãe e a calamidade ainda mais aflita de sua irmã. Seus esforços para estabelecer uma independência conjunta para suas irmãs e para si mesma haviam sido atendidos, não obstante com sucesso parcial e pouco prazer. Sua primeira paixão juvenil, a amizade por Fanny, havia enfrentado muitas decepções e, em boa parte, uma melancolia pela catástrofe prematura da amiga. Logo após tantas mortificações acumuladas se envolveu em uma disputa com um parente próximo, (a quem considerava pessoa desprovida de princípios), sobre os destroços

da fortuna de seu pai. Neste caso, sofrera duplo golpe: o da indignação moral, e outro, do desapontamento pela retribuição à sua benevolência e esforços para ajudar os familiares. Finalmente, quando estabeleceu uma afeição romântica e carinhosa pelo Sr. Fuseli, imaginara ter encontrado nele o consolo de seus cuidados, percebendo tarde demais, que, ao pressionar continuamente seus interesses na idealização infrutífera de afetos enganosos, sem a felicidade doméstica, só aumentava a pungência aos sentimentos que a estavam destruindo.

Alguns poderão considerar que os males aqui enumerados não estão entre os mais terríveis do catálogo de calamidades humanas, mas males assumem seu caráter mais pela constituição da mente daquele que os sofre do que por sua natureza abstrata. Sobre um homem de disposição dura e insensível, as flechas do infortúnio frequentemente caem sem sentido e impotentes. Há pessoas, de modo algum duras e rígidas, que sob um estado de espírito elástico e voraz, reiteradamente olham o lado justo das coisas e, mesmo depois de sofrer uma queda, reerguem-se imediatamente, seguindo seu curso com a mesma ânsia, esperança e alegria de antes. Por outro lado, não nos encontramos com frequência com pessoas dotadas da mais requintada e delicada sensibilidade, cujas mentes parecem feitas de uma textura quase fina demais para enfrentar as adversidades de assuntos humanos, e para as quais o prazer é transitório e a decepção uma agonia indescritível. Esse personagem é minuciosamente descrito pelo autor da obra *Os sofrimentos do jovem Werther*. Mary era, nesse aspecto, uma Werther do sexo oposto.

Guardava em si um coração ferido e doente, buscando refúgio nos braços de um amigo querido. No entanto, não se manteve queixosa e abatida com sua nova escolha. Pelo contrário, todo o seu caráter parecia mudar com a fortuna deste encontro. Suas tristezas e a depressão de seu espírito foram esquecidas e Mary assumiu toda a simplicidade e vivacidade de uma mente jovem. Assemelhava-se a uma serpente sobre uma rocha, que se lança ao pântano e aparece novamente com o brilho, a elegância e a atitude ágil para retomar seu lugar ao sol. Sentia-se divertida, cheia de confiança, bondade e simpatia. Seus olhos assumiram

novo brilho, e suas bochechas nova cor e suavidade. Sua voz ficou alegre, o temperamento transbordava de bondade universal e aquele sorriso de ternura fascinante do dia a dia lhe iluminava rosto que todos os que a conheciam lembrariam tão bem, pois havia conquistado de coração e alma, o carinho de quase todos que o contemplavam.

Mary se apoiava então sobre alguém cuja honra e princípios exaltava. Nutriu por ele afeição única em que não via necessidade de restrições, pois um coração como o dela não fora forjado para entregar-se pela metade. Sua concepção da "ternura e do valor de Imlay tinha se integrado plenamente em seu coração", e ela "se agarrou a este sentimento como uma gavinha ao olmo[2] no qual desejava se apoiar". Tudo isso se apresentava a ela como uma "nova linguagem", e, "consciente de não almejar ser uma planta parasita como a gavinha", dispôs-se a incentivar e promover o florescimento vigoroso dos afetos. Sua confiança era inteira, seu amor era ilimitado. Pela primeira vez em sua vida dava livre curso às sensibilidades de sua própria natureza.

O enlace do casal se fortaleceria logo em seguida com as suspeitas de Mary de uma gravidez.

Sua vida em Paris, no entanto, foi interrompida precocemente pelas circunstâncias dos negócios de Imlay, contraídos na expectativa de sustento de sua família e na corrente especulativa da crise para os negócios na França. Seus negócios o levaram a Havre de Grace no mês de setembro, então chamado Havre Marat, provavelmente para supervisionar o transporte de mercadorias. Na ocasião, Mary permaneceu na capital.

A solidão que agora sentia se provou um fardo inesperado, e como seus afetos domésticos constituíam seu objetivo principal, logo percebeu que Imlay "não compartilhava as mesmas emoções ternas em relação ao lar", impressão que sempre a magoava. Esperava seu retorno de semana a semana, e de mês a mês, mas uma sucessão de negócios parecia detê-lo em Havre. Ao mesmo tempo, o caráter sanguinário que o governo da França começou diária e mais decisivamente a assumir contribuiu para

2. Original, Elm, ou arvore alta. Nota da tradução.

banir a tranquilidade dos primeiros meses de sua gravidez. Antes de deixar Neuilly, ao entrar em Paris a pé (creio que pela Place de Louis Quinze), na ocasião em que uma execução acabara de acontecer com agravantes peculiares, chegou a ver o sangue da guilhotina ainda fresco sobre a calçada. As emoções de sua alma, então expressas em exclamações indignadas, foram silenciadas por um espectador prudente que a alertou de seu perigo, induzindo a esconder seus descontentamentos. Ela me descreveu, mais de uma vez, a angústia que sentiu ao ouvir da morte de Brissot, Vergniaud e dos vinte deputados assassinados pelo governo francês como uma das sensações mais intoleráveis que já havia experimentado.

Percebendo o recorrente adiamento da volta de Imlay, decidiu se juntar a ele em Havre, em janeiro de 1794. O motivo que a influenciou, porém, creio que o principal, teriam sido as crescentes crueldades de Robespierre e o desejo que sentiu de estar em qualquer outro lugar, longe da infeliz cidade, presenciando a perpetração de tais ações.

De janeiro a setembro o casal viveu junto em grande harmonia, residindo em Havre, onde nasceu sua filha em 14 de maio, a quem nomearam Frances em memória à querida amiga de sua juventude, cuja imagem nunca fora apagada de sua memória.

Em setembro, Imlay partiu de Havre para o porto de Londres. Por ocasião da partida, imprescindível aos negócios, tentou persuadir Mary a deixar Havre e voltar a habitar Paris. Robespierre já havia sido deposto, e consequentemente, a única objeção à residência na capital não mais existia. Imlay já estava em Londres antes que empreendesse a jornada, a mais fatigante que já fizera; a carruagem na qual viajava tombou pelo menos quatro vezes entre Havre e Paris!

Esta ausência, diferentemente da do ano anterior, foi mais curta. Em dois meses se reuniram novamente em Paris. No entanto, o reencontro provou-se o prelúdio de uma separação eterna. As agonias de tal separação, ou abandono, suscitou muitas suposições em Mary, todas reiteradas pelo modo como tudo se deram, tanto por sua ambiguidade quanto pelo que adviria das circunstâncias. O evento produziu um efeito

permanente em sua mente, à força, por assim dizer, de uma dolorosa disciplina, que a impedia redirecionar suas energias e a elasticidade de seu caráter para outros fins.

A procrastinação, contudo, lhe foi algo vantajosa, pois adiou o dia mais terrível. Mary não suspeitou das calamidades que a aguardavam até o final do ano, ganhando assim mais três meses de relativa felicidade. Felicidade que lhe custou muitíssimo, e penso que nenhuma criatura humana tenha sofrido mais miséria do que a experimentada por ela no ano inteiro de 1795 na vida dessa mulher incomparável. Ano perdido naquele tipo de desespero em que qualquer cultivo de esperança se perde.

Por que se apegara obstinadamente a uma paixão tão infeliz e sem sorte? Sendo da própria essência do afeto a busca por perpetuidade, aquele que não ama é capaz de renunciar a esse sentimento sem sofrer a mais notória das lutas que nossa natureza é capaz de suportar. Adicionado a isso, Mary havia dedicado seu coração a essa escolha, e uma das últimas impressões dignas de sua resiliência acerca de tudo fora a consciência da inutilidade da pessoa em quem depositara todo seu apreço. Mary lutou para ter uma opinião favorável da natureza humana, lutou por uma mente afinada à sua, com integridade e fidelidade para o descanso. Imlay comprometeu-se a provar, em suas cartas escritas imediatamente após sua completa separação, que sua conduta em relação a ela era reconciliável e digna da mais estrita retidão, mas, sem dúvida, Mary tinha uma opinião diferente da questão[3]. O que quer que o leitor decida a esse respeito, uma sensação, creio admitir sem hesitar: o de pena pelo erro do homem que, estando na posse de uma amizade e do afeto como os dela, pode atribui-los um valor tão reles, e “como um selvagem, que joga fora a preciosa pérola, desperdiça riqueza maior que toda a sua tribo”.

---

3. Uma pessoa, de quem Mary obteve algum auxílio no período foi Archibald Hamilton Rowan, que recentemente se tornara fugitivo da Irlanda em consequência de um processo político, e em quem encontrou aquelas qualidades que sempre lhe foram eminentemente atraentes: grande integridade de disposição e bondade de coração. Nota do autor.

CAPÍTULO VIII. 1795 E 1796

Em abril de 1795, Mary retornou mais uma vez a Londres, sendo solicitada a fazê-lo por Imlay, que lhe enviou um servo a Paris para acompanhá-la na viagem antes que ela pudesse completar os seus preparativos para ir pelos próprios esforços. Mas, apesar dessa aparente tranquilidade, ela veio para a Inglaterra com o coração temeroso, não ousando, depois de todas as incertezas e angústias sofridas, confiar em qualquer indício de esperança.

Os pressentimentos sombrios de sua mente foram, de fato, confirmados. Imlay já estava envolvido com outra mulher, uma jovem atriz de uma companhia itinerante. Suas atenções a Mary, com isso, foram formais e restritas, com pouca interação entre eles. A mudança não escapou ao seu olhar penetrante. Ele atribuiu tudo à pressão dos negócios e alguns constrangimentos pecuniários que, naquele momento, lhe pesavam; mas, isso pouco importou a Mary, percebendo com pouco esforço, que suas afeições haviam sido perdidas para sempre.

É impossível imaginar um período de maior dor e mortificação do que este que Mary enfrentou nas sete semanas, do dia 16 de abril a 6 de junho, em uma casa mobiliada e providenciada por Imlay. Viera para a Inglaterra em busca da felicidade, um país pelo qual, naquele momento, guardava profunda “repugnância, quase ao nível do horror”. Temia que essa felicidade a tivesse escapado completamente, mas acabou encorajada pela ânsia e impaciência com que Imlay parecia manifestar por sua chegada. Quando o viu, todos os seus medos foram confirmados. Que quadro fora capaz de formar para si mesma, da ternura de seu reencontro após um intervalo de tanta angústia e apreensão! Mil imagens desse tipo estavam presentes em sua ardente imaginação. Inútil nessas ocasiões qualquer reserva ou censura, na tentativa de conter as emoções de um coração apaixonado. Mas as esperanças nutridas até ali foram rapidamente destruídas. A recepção de Imlay foi fria e constrangida. Seguidas de discussões (“explicações”, por assim dizer), quase cruéis, que apenas aumentaram a angústia de seu já enlutado coração! Pouco inclinadas ao esclarecimento da situção foram assertivas

o suficiente para deixar claro seu caráter irremediável.

Mary foi incapaz de manter-se serena na situação crítica em que se encontrava. “Amor querido, amor deludido!” como se expressou a um amigo tempos depois, “razão rigorosa pela qual se viu forçada a renunciar; e diante de suas perspectivas racionais destruídas, assim como havia aprendido a contentar-se com os prazeres arrazoados”. Assim, a vida se tornava um peso intolerável. Enquanto distanciada de Imlay podia estabelecer propósitos de reparação e independência para si mesma, mas vivendo sob o mesmo teto que ele já não podia se conter dos esforços para reviver sua cordialidade mútua; esforços malsucedidos que continuamente adicionavam combustível ao fogo que a destruía. A essa altura Mary considerava a morte sua única saída.

Esta parte de sua história encontra-se envolvida em considerável obscuridade. Só sei que Imlay tomou consciência deste propósito mórbido de Mary num momento em que não tinha a certeza de já ter sido executado, tendo seus sentimentos despertados pelo conhecimento. Talvez por sua atitude e postura a vida dela tenha sido, naquele momento, salva. Ela se decidiu pela vida. Determinada neste sentido, tomou uma atitude digna da coragem e da afetividade de sua mente. Imlay estava envolvido em dificuldades consideráveis referentes a uma aventura mercantil na Noruega. Tal situação exigia a presença de algum agente muito criterioso. Mary decidiu fazer a viagem, tomando a responsabilidade para si e a condução do negócio em suas mãos. A viagem parecia a coisa mais adequada à recuperação de sua saúde e, possivelmente, de seu espírito, abalado pela crise em que viviam. Também parecia gratificante aos seus sentimentos ajudar o homem que havia lhe tratado com tamanha indelicadeza, mas a quem ardentemente desejava se reconciliar. O momento de seu desespero, conforme o registrado, teria ocorrido no final de maio e, cerca de uma semana depois, Mary partiu para a nova expedição.

A narrativa de sua viagem pelo mundo e talvez o livro de viagens que tão irresistivelmente possa prender o leitor nunca encontrou o caminho de uma publicação. As durezas ocasionais e aspereza de caráter que se destacam em sua Reivindicação dos Direitos da Mulher,

aqui desaparecem por completo. Se houve um livro calculado para fazer um homem apaixonado por sua autora, este me parece ser o caso. A narrativa fala de suas tristezas, nos enchendo de melancolia dissolvida em ternura, enquanto demonstrando um gênio que comanda toda a nossa admiração. A aflição temperou seu coração a uma suavidade quase sobre-humana, e a gentileza de seu espírito parece precisamente concordar com todo o romance de um apego ilimitado.

Assim suavizada e melhorada, cheia de imaginação e sensibilidade, com tudo o mais do “que os jovens poetas almejam quando amam”, Mary retornou a Inglaterra e, se ele o desejasse, para os braços de seu antigo amante. Seu retorno foi apressado pela ambiguidade, para sua apreensão, da conduta do companheiro. Ele prometeu encontrá-la, quando retornasse da Noruega, em Hamburgo, para que dali passassem algum tempo juntos na Suíça. No entanto, o estilo das cartas recebidas durante a turnê não lhe trazia qualquer segurança, e ela lhe escreveu pedindo explicações urgentes em relação ao estado de seu compromisso. Em sua resposta, que a alcançou em Hamburgo, ele tratou suas perguntas como “extraordinárias e desnecessárias”, desejando que ela se esforçasse para decidir por si mesma. Sentindo-se incapaz de aceitar isso como uma explicação, Mary instantaneamente navegou para Londres na primeira oportunidade para concluir a suspeita que assolava sua alma.

Pouco depois de sua chegada a Londres, logo no início de outubro, confirmou a certeza que buscava. Imlay colocou-a numa hospedagem, mas a negligência experimentada por ela após ter se acomodado, mostrou convicção de algo muito errado, apesar de afirmações contrárias. Depois de novas investigações, por fim foi informada por um servo sobre o real estado do caso. Sob o choque imediato e dolorosa certeza, seu primeiro impulso foi confrontá-lo na casa de sua nova amante. Qual tenha sido a natureza particular deste encontro não posso precisar. Suficiente dizer que a miséria da noite que sucedeu à descoberta fatal a impressionou com a sensação de que ela teria preferido sofrer mil mortes a passar semelhante desolação.

A agonia fez-se em uma espécie de serenidade desesperada;

decidida a se lançar no Tamisa e não satisfeita com qualquer local mais próximo a Londres, pegou um barco e remou para Putney. Seu primeiro pensamento a levou à ponte Battersea, local que considerou público demais. Era noite quando chegou a Putney e a esta altura uma violenta chuva caía, o que lhe sugeriu a ideia de subir e saltar da ponte. Permaneceu sob o diluvio até suas roupas estarem completamente encharcadas, como um peso extra; demorou meia hora ao relento sem encontrar um ser humano em trânsito. Pulou do topo da ponte, mas, ainda parecia ter dificuldade em afundar, o que se esforçou em combater, pressionando as roupas ao redor do corpo. Depois de algum tempo, não sentiu mais nada, mas sempre aludiu à dor que sentira na ocasião, e que se tivesse podido escolher outra maneira de morrer, teria sido impossível equipará-la às sensações daquele evento. Guardo dúvidas se isso possa ser atribuído à mera natureza da asfixia, ou à atitude mais do que natural de um espírito desesperado.

Depois de inconsciente por considerável tempo, Mary foi resgatada pelos esforços daqueles por quem o corpo foi encontrado. Procurou com firmeza fria e deliberada pôr fim à sua existência, e embora sem perspectivas de um momento de alegria e felicidade, seguiu em frente. Talvez não seja um caso pouco frequente entre as tentativas de suicídio que encontremos motivos para supor, em caso de sobrevivência ao propósito sombrio, que, em um período subsequente, as vítimas tenham sido consideravelmente felizes. De fato, em certa medida, a inclinação surge da própria natureza de um espírito autodestrutivo, o que implica certo grau de angústia, em que a constituição da mente humana não tolere por tão longo período a deslegitimação. Uma reflexão séria. Nenhuma pessoa se destruiria por impaciência à dor se contasse com a certeza moral de que ainda havia anos de prazer reservados à sua caminhada. Talvez seja uma tentativa fútil arrazoar com um indivíduo sob o estado de espírito que precede o suicídio. O raciocínio moral nada mais é do que o despertar de certos sentimentos: sendo o sentimento pelo qual é acionado aos seus intentos muito intenso para permitir quaisquer impressões de mediania e reequilíbrio. Contudo, se não se pode esperar que a perspectiva de tranquilidade e prazer futuros tenha muito

peso sobre aquele cujo objetivo imediato seja o suicídio, é muito mais desejável que esses impressionem suas mentes, em seus momentos de sobriedade com uma concepção que, sendo habitual, pareça agir como antídoto bem-sucedido ao paroxismo do desespero.

A situação de Mary resultou em um prolongamento de suas relações com Imlay, que lhe enviou um médico. A Sra. Christie expressou seu desejo de que Mary se mudasse para a casa dela, na Praça Finsbury. Nesse meio tempo, Imlay garantiu que seu presente relacionamento era apenas uma relação casual, erótica, suscitando em Mary a ideia de que seria dela a decisão final de sua reconciliação. A real intenção da sugestão era clara, mas surtiu um efeito inesperado nela. Despertando sua energia diante da necessidade de levar o caso a uma solução e não mais sofrer meses ou anos na incerteza ou suspeita, decidiu-se, inspirada, a uma solução extraordinária. A linguagem que empregou à ocasião foi precisamente a que se segue: “Se é para vivermos juntos que seja agora. Você não pode romper abruptamente o que construiu. É indigno da minha coragem e caráter esperar nas incertezas dessa relação. Estou determinada a tomar uma decisão. Concordo então, no momento, em morar com você e a mulher a quem se associou. Acho importante que você aprenda a sentir pela sua filha o carinho de um pai, no convívio habitual. Mas, se você rejeitar esta proposta, terminamos aqui. Você está livre. Não nos corresponderemos mais. Não teremos nenhum tipo de relação. Eu estarei morta para você”.

Diante da proposta, por mais extraordinária e imprudente, Imlay aceitou, chegando a levá-la para olhar uma casa que ele pretendia alugar, no intento de agradá-la. Pensando melhor, porém, acabou desistindo de seu intento logo em seguida.

No mês seguinte partiu com a amante, dirigindo-se a Paris, onde permaneceram três meses. Mary, pouco antes disso, instalou-se em um alojamento em Finsbury, onde, por algum tempo, quase não viu ninguém além da Sra. Christie, por quem acabou escolhendo o bairro; seguiu como que “existindo”, dizia, “em uma tumba viva; sua vida um esforço de fortaleza, sempre tensionada”.

Inevitável que seus pensamentos recorressem à velha paixão que mesmo todo o sofrimento não havia sido capaz de extinguir. Consequentemente, assim que Imlay retornou à Inglaterra, não pôde se conter em um novo esforço para vê-lo mais uma vez. “Durante sua ausência, o carinho que sentia a levara ao elenco de inúmeras desculpas pela conduta do companheiro”, e ela possivelmente desejava acreditar que sua atual ligação fosse meramente casual, como ele mesmo havia definido. A esse propósito observou que ele “não respondeu, exceto declarou, com injustificável veemência, que não voltaria a vê-la”.

Essa resposta, contudo, por mais irritante que fosse, não foi o final definitivo do caso. O Sr. Christie possuía negócios com Imlay, ao mesmo tempo em que a casa do Sr. Christie era a única a qual Mary costumava visitar. A consequência disso foi que por ocasião de uma visita aos Christie acabou deparando com Imley em sua sala de visitas. A casa estava cheia de convidados; a senhora Christie, ouvindo a voz de Mary no corredor, correu até ela para impedir sua entrada ao salão, mas ela não se deixou acalmar. Como me confessou depois, não admitia recuar e se envergonhar à presença de alguém por quem se considerava tão ferida e humilhada. A filha deles estava junto. Entrou e, de maneira firme, imediatamente levou a criança, agora com quase dois anos de idade, aos joelhos de seu pai. Ele se retirou com Mary para outro aposento, prometendo um jantar na casa dela no dia seguinte.

Na entrevista que se seguiu a esse encontro, Imley agiu amistosamente de maneira a acalmar o desespero de Mary. Apesar de se comportar de forma distinta, em sua saída ela o julgou insensível; uma severidade tornou-se a sensação habitual à presença daquele homem. Mary, pronta a agarrar-se a qualquer fantasma de felicidade, viu em seus modos o raio de sol a lhe despertar a esperança de sua volta. Por um instante, entregou-se às delusões e, mesmo depois de expirado o período de delírios, manteve o olhar triste e perdido, pairando na perspectiva da reconstrução insubstancial de uma reconciliação.

A seu pedido, ela manteve o sobrenome de Imlay, que, pouco tempo depois, ele acabou por exigir de volta. “Não o fez”, como se expressou em uma carta, “pelo mundo – nem um pouco – mas, por não estar disposta

a enfrentar o problema ou se afastar em nome das aparências, quando, na realidade, não poderia”.

No dia seguinte a este encontro, partiu para o interior, onde passou quase todo o mês de março. Foi nesta viagem que alguma comunicação epistolar com Imlay a induziu resolutamente a expulsar de sua mente, todas as dúvidas restantes acerca de sua conexão.

Mary estava ciente de que todas as exigências de tolerância em relação a ele, em relação aos seus deveres para com a filha e até da mera indulgência com sua própria consideração não seriam cumpridas. Decidiu despertar e se desapegar daquele que para ela fora uma fonte de amargura inesgotável. Sua residência atual, próxima à natureza, foi favorável a esse propósito. Hospedou-se na casa de uma velha e íntima amiga, a senhora Cotton, cujo interesse em ajudá-la era sincero. O vizinho mais próximo da Sra. Cotton era Sir William East, baronete, e, pelo efeito conjunto da bondade de sua amiga e atenções hospitaleiras e distintas dessa família respeitável, Mary obteve um benefício considerável. Ela havia se distraído quando em viagem à Noruega, mas enquanto naquele momento sua mente constantemente retornava, ansiosa, às conjecturas acerca da conduta futura de Imlay, agora, com um espírito elevado e destemido, declinava estes pensamentos, sendo impelida a fazer mais um esforço pela vida e pela felicidade.

Somente o reencontrou uma vez, logo após seu retorno à cidade. Encontraram-se por acidente sobre a New Road; ele apeou de seu cavalo e caminharam por algum tempo; reencontro que não lhe causou qualquer emoção opressiva.

Seja como for Mary nunca se referiu a Imlay com amargura e ficava descontente quando qualquer pessoa, em sua presença, expressava desprezo por ele. Mesmo conhecida por seu forte senso de indignação, Mary nunca guardava rancor, e em pouco tempo guardou um senso de equanimidade e uma digna serenidade em relação ao assunto.

A questão com Imlay só seria resolvida em março de 1796. Vale notar que ela, diferentemente das pessoas comuns sob extrema angústia mental, não sofreu todo este processo, afundada em apatia e debilidade.

O leitor mais incompreensivo pode conceber o nível de tortura mental por ela sofrido, quando por duas vezes, em um intervalo de quatro meses, entre o final de maio e o início de outubro, havia incorrido em tentativas de suicídio. No entanto, nesse período, escreveu suas Cartas da Noruega. Logo após o vencimento do prazo preparou-as para a publicação, que saiu no final daquele ano. Em janeiro de 1796 terminou o esboço de uma comédia, transpondo algumas das sérias cenas dos incidentes de sua própria história. Foram disponibilizadas para publicação e permaneceram entre seus escritos na ocasião de sua morte, contudo, encontravam-se em um estado tão rudimentar e imperfeito, que julguei mais digno de sua memória lançá-las às chamas. Para entender tal produção devemos, no entanto, lembrar de toda a solidão na qual esteve mergulhada na maior parte de suas horas naquele tempo.

CAPÍTULO IX. 1796 E 1797

Levado pelo progresso deste relato referente ao último tomo da história de Mary, passo à narrativa da ligação entre a autora dos escritos e eu, mantendo, como de costume, a simplicidade narrativa que norteou o presente relato.

Quaisquer motivos, por prudência ou delicadeza, que pudessem restringir o curso da presente narrativa, encontram-se solucionados, sem falsa modéstia. Não existem circunstâncias da vida de Mary sob a luz da justeza e honradez que possam comprometê-la, pois jamais outro ser humano se exporia ao julgamento do mundo desta maneira. Um evento deplorável impôs o terrível silêncio sobre quaisquer rumores e frivolidades.

Reencontramo-nos em janeiro de 1796, acontecimento pouco significativo, exceto no que se refere à simpatia à sua angústia, acrescentado à minha impressão do respeito que sempre tive por seus talentos. Foi no final daquele mês que li suas cartas da Noruega, e da impressão que o livro deixou em mim, já relatei.

Foi no dia 14 de abril que a vi pela primeira vez depois de sua excursão por Berkshire. Naquele dia, ela me visitou em Somers, cidade onde residia desde seu retorno, à rua Cumming, em Pentonville, próxima ao local onde eu morava. Desde então, nossa intimidade aumentou quase imperceptivelmente, motivada pela regularidade dos nossos encontros.

A preferência que nutríamos um pelo outro foi, por assim dizer, vista como uma forma de amor mais refinada. Crescendo mutuamente em nossas mentes, teria sido impossível ao observador mais atento dizer quem precedia quem. Nenhum de nós impôs ao outro as particularidades de cada gênero. Não posso admitir que entre nós tenhamos assumido os papéis de liderança e subjugação tão comuns nas relações, como os de predador e vítima. Quando, no decorrer do tempo, nosso envolvimento se revelou ao público, nada havia de não revelado entre nós dois. Não tínhamos mais segredos.

Em julho de 1796, fiz uma viagem ao condado de Norfolk que ocupou quase todo o mês. Durante esse período, Mary mudou-se da rua Cumming,

em Pentonville, para Judd Place West, no extremo oposto da cidade de Somers. Antes disso havia ocupado um alojamento mobiliado. Cogitava uma turnê pela Itália ou Suíça, não obstante indecisa sobre quando empreenderia tal viagem. Agora, no entanto, sentia-se reconciliada com uma permanência mais longa na Inglaterra, provavelmente sem saber exatamente por que essa mudança ocorrera em sua mente. Ela tinha alguns móveis guardados com um corretor desde sua residência à rua Store e achava aconselhável pô-los em uso, recuperando-os.

Nossa breve separação ocasionada por minha jornada nos afetou a ambos. Deu espaço para o amadurecimento de nossa predileção. Acredito que durante esse intervalo, cada um nutriu os pensamentos do outro em contemplações solitárias e diárias. A ausência confere uma delicadeza refinada e etérea ao afeto, parecendo assemelhar-se à comunicação dos espíritos, sem o meio ou o impedimento dessa estrutura terrena.

Quando nos encontramos novamente, foi com novo prazer e, devo acrescentar, uma predileção mais decisiva um pelo outro. No entanto, três semanas se passaram antes que nossos mútuos sentimentos fossem verbalizados. Não houve período de agonia e explicação resoluta sobre o tema. Era amizade derretida em amor. Antecedendo nossa declaração mútua, ambos guardavam aquela quase certeza do que sentiam, mas a natural e trêmula ansiedade de sua plenitude.

Mary apoiou a cabeça no ombro de seu amante, esperando encontrar um coração com o qual pudesse compartilhar com segurança seu mundo de afetos; temendo cometer outro erro, por toda sua experiência melancólica, assustada com aquela generosa confiança que, em grandes almas, nunca se extingue. Nunca havia experimentado ou nutrido tamanho amor e paixão por alguém tão digno.

Não nos casamos. Difícil tomar qualquer medida contrária às regras e preconceitos estabelecidos pela humanidade. Nada pode mais ridículo em face disso, ou tão contrário à genuína marcha dos sentimentos, do que exigir que a alma transbordante destes aguarde uma cerimônia adequada, ou que daquilo que pertence à imaginação e à delicadeza dos sentidos, sagradamente íntimos, se anuncie com uma trombeta ou

registre seu clímax.

Havia, no entanto, outras razões pelas quais não nos casamos imediatamente. Mary era muito correta em sua conduta. Seria absurdo supor que, com um coração fragilizado pela decepção, não guardasse certa reserva em dar lugar às emoções de bondade que nossa intimidade suscitava, ou em buscar esse apoio na amizade e no afeto, o que só poderia lhe dar prazer ao coração e paz às suas lembranças. Fazia apenas seis meses que ela havia banido resolutamente todos os seus pensamentos sobre Imlay, mas, de fato dezoito de esquecimento, não fosse sua escrupulosa insistência em tentar todos os recursos no intuito de recuperá-lo. Acrescente-se a isso que as leis da etiqueta normalmente estabelecidas nesses casos eram essencialmente absurdas e os sentimentos do coração não podem se submeter aos direcionamentos das regras ou normas. Mary, porém, tinha uma aversão extrema por tornar-se o objeto de discussão vulgar e, se houvesse alguma fraqueza neste aspecto as terríveis provações pelas quais havia passado muito bem desculpam suas apreensões. Sentia que havia sido muito comentada e rudemente julgada, não conseguindo lidar com nada que revivesse o doloroso tópico.

De minha parte, considerava o casamento com uma apreensão tão bem fundamentada, que, apesar de discordar da parcialidade de Mary (que se apossara de minha alma), poderia ter considerado muito difícil, pelo menos no estágio de nossa relação, ter concebido tal condição naquele momento. Assim, em parte por motivos semelhantes e em parte por motivos diferentes, nos sentíamos harmonizados na questão, como em qualquer outra circunstância relacionada à nossa intimidade.

Até o início de abril de 1797 nada há digno de nota. Julgamos, então declarar nossa união, que já havia ocorrido um pouco antes. O principal motivo para o cumprimento dessa cerimônia foi a circunstância da gravidez de Mary. Ela não estava disposta, com justa razão, a incorrer naquela típica exclusão da sociedade de muitos indivíduos valiosos e excelentes, rispidamente condenados em casos desse tipo. Eu deveria ter sentido uma repugnância extrema por ter lhe causado tal inconveniência. E, após o convívio de sete meses de uma relação tão íntima quanto

nossos modos de vida admitiam, certamente corríamos menos riscos ao nos sujeitarmos às consequências que as leis da Inglaterra impõem às relações conjugais. No dia 6 de abril, tomamos posse de uma casa que havíamos comprado juntos.

Neste lugar uma circunstância curiosa faz-se digna de nota, já que expõe as regras de civilidade nas quais o absurdo varia com a odiosidade. Mary há muito possuía a vantagem de conhecer diversas pessoas geniais e outras a quem os efeitos de uma relação na sociedade elegante, combinados com uma certa porção de informação e bom senso, suficientes para manter círculos divertidos. Nos últimos tempos havia ampliado seu círculo de conhecidos e, em sua cabeça, temerosa entre impressões opostas - da angústia do passado e serena tranquilidade do presente - encontrou prazer neste convívio recreativo. Onde quer que Mary aparecesse, a admiração a acompanhava. Sempre possuíra talentos para a conversação, acrescidos do acúmulo da maturidade, da experiência de suas viagens, sua longa residência na França, a disciplina imposta pelas aflições, ou a felicidade e recém-nascida paz que lhe despertara um sorriso correspondente no semblante animado, que os aumentaram inexprimivelmente. A maneira pela qual toda a história envolvendo o Imlay fora tratada nesses círculos refinados foi a provável causa da parcialidade que a excitava. Essas personagens elegantes estavam divididas entre sua cautelosa adesão às formas e o desejo de buscar sua própria gratificação. Mary não escondeu a natureza de sua conexão com Imlay e, em um caso específico, se deu ao trabalho de explicá-lo a uma pessoa totalmente desconhecida, por se tratar de alguém cujo hábito de tudo publicizar certamente espalharia suas considerações aos numerosos conhecidos. Tinha um espírito muito orgulhoso e generoso para se inclinar à hipocrisia. Essas pessoas, no entanto, apesar de tudo o que se podia dizer, persistiram em fechar os olhos e fingir que a consideravam como uma mulher casada.

Observem-se as consequências de tal fato! Enquanto mãe solteira era considerada adequada à sociedade, na opinião dos melindrosos e formais. No momento em que se reconhecera esposa, num casamento nada excepcional, o caso era outro. Mary e eu, ignorantes como éramos dos

melindres desses círculos refinados, supúnhamos que nosso casamento a colocaria em pé de igualdade no calendário de exigências da sociedade polida, mas não foi bem este o caso. Forçados à verdade dos fatos contra o que suas crenças haviam sido cuidadosamente instruídas, não puderam perdoar. Note-se que a data do nosso casamento nada tinha a ver com isso; a questão não foi mencionada nenhuma vez nesse período. Mary de fato tinha, até então, mantido o nome de Imlay, que primeiro fora assumido por necessidade na França, mas cuja manutenção ao longo do tempo se devia a sua resistência à mudança, e não por qualquer presciência de consequências desse tipo. Sua escrupulosa explicitação quanto à natureza de sua situação certamente foi suficiente para atribuir irrelevância ao seu nome.

É impossível relacionar os efeitos de tal história senão em tom jocoso e de desprezo. Uma reflexão séria, no entanto, poderia despertar emoções de outro tipo. Mary manteve a parte mais numerosa de seus conhecidos e a maioria daqueles a quem principalmente valorizava. Foram perdidos apenas os partidários aos sujeitos sem princípios, que se puseram a julgá-la. Isso, no entanto, é irrelevante. A tendência geral, se estritamente considerada e uniformemente adotada, teria sido uma execração pública de toda a valiosa sociedade. E quem seria a pessoa proscrita? A campeã mais firme e, como desconfio, o maior ornamento do qual seu sexo já pudera se gabar! Uma mulher de sentimentos tão puros, refinados e delicados, como jamais habitado em um coração humano! Seria adequado que tais pessoas ficassem de lado, para que pudéssemos ter espaço suficiente para ditadores monótonos e insolentes, manipuladores e demais desprezíveis da alta sociedade?!

Duas pessoas, cuja perda a frustraram na ocasião foram as da Sra. Inchbald e da Sra. Siddons. Suas relações, vale notar, poderiam ser classificadas como a de um certo pesar. Sra. Siddons, certamente lamentou as circunstâncias, reconhecendo a atitude imposta a ela pelas singularidades da situação, no intuito de se adequar às regras que descrevi. Dotada de sensibilidade e generosa, admitiu os méritos de sua falecida amiga. Ela observa em uma carta, agora diante de mim, que as viagens na Noruega não haviam sido lidas por ninguém, e que se

reconhecia em posse da “maior reciprocidade de sentimento, ou mais profundamente tocada com a admiração dos poderes extraordinários da escritora”.

Mary sofreu um golpe passageiro com o episódio, arrazoando com superioridade e requinte o inesperado; considerou tratar-se de uma injustiça (como no final das contas o era) dos arrogantes e tolos e, de fato, superou a impressão do primeiro impacto. Uma vez acalmada, refletiu sobre tamanha iniquidade e não se deixou abalar para diminuir uma felicidade que parecia, a cada momento, tornar-se mais vigorosa e duradoura.

Me atrevo a dizer que nunca duas pessoas encontraram satisfação mais pura e refinada na companhia uma da outra. O significado em toda sua extensão só pode ser mensurado pelo sobrevivente. Mas a serenidade de seu semblante, a crescente doçura de suas maneiras e a consciência do prazer ansioso de que todo mundo que mirasse fosse feliz como ela mesma, eram notórios entre todos os seus conhecidos. Sempre retinha, em um grau sem paralelo, a arte de comunicar a felicidade e encontrava-se agora no exercício constante e ilimitado dela. Parecia finalmente ter atingido a plenitude cuja disposição e caráter imperiosamente dela exigiam, embora nunca alcançada, e seu entendimento e coração sentiam o benefício disso.

À época de nosso convívio enquanto vizinhos próximos, antes de nossa última mudança, sua mente já demonstrava sinais de considerável tranquilidade, e raramente Mary sentia-se assaltada pelos sentimentos de angústia tão familiares a ela. Sua melhora neste sentido, associada à mudança e nosso estabelecimento juntos era notória. Mary adorava a vida doméstica; amava observar o crescimento do afeto entre sua filha (de três anos) e eu, assim como minhas expectativas em relação ao bebê por nascer. A gestação, ao contrário do que se diga, suscita muitas afeições, e ninguém melhor sabia como extrair emoções das trivialidades certamente indiferentes ao senso comum. Um passeio ao campo com a criança, por exemplo, tinha o poder de abrir o coração às expressões confiantes, comuns às almas mais sensíveis e amorosas numa espécie de afeto genuíno, dignificado e quase infantil que, em vão, desejaria

ilustrar.

Além dos nossos prazeres domésticos fui afortunado o suficiente ao apresentá-la a alguns dos meus conhecidos (de ambos os sexos), aos quais Mary se apegou com toda sua ardorosa aprovação e amizade.

Nossa rotina não se tratava de uma felicidade ociosa, ou um paraíso de prazeres egoístas e transitórios. Vale notar que influenciado pelas ideias que há muito tempo nutria sobre a convivência, aluguei um apartamento, a cerca de vinte portas de nossa casa em Polygon, Somers Town, como local para meus estudos e trabalhos literários. Trivialidades, contudo, talvez possam interessar a alguns leitores no que se refere ao último período da vida de Mary. Reitero, portanto, que éramos ambos da opinião que fosse possível que duas pessoas convivessem de maneira uniforme e harmoniosa; influenciado por essa opinião, decidi não frequentar a sociedade de Polygon sozinho, me retirando ao pequeno apartamento de estudos e só retornando à casa para o jantar. Tanto Mary quanto eu concordávamos com a noção, predominante em muitos casos, de que um casal não deveria frequentar os círculos sociais apartado, mas juntos, no que buscamos evitar situações que desviassem da regra geral. Por tais razões passávamos a última parte dos dias na companhia um do outro, sem jamais incorrer no enfado desta rotina. Parecíamos combinar nesta troca a novidade e a sensação animada das visitas em sociedade, pelos prazeres deliciosos e comoventes de uma vida doméstica.

O que quer que fosse dito a esse respeito, sentíamos deleite em nosso ajuste, sobretudo no que concernia nossa constância e ininterruptas buscas literárias. Mary possuía uma variedade de projetos do tipo, tanto para o exercício de seus talentos quanto para o benefício da sociedade e, se tivesse sobrevivido, o mundo teria pouquíssimas razões para reclamar de qualquer remissão em sua produção. Um de seus projetos, já mencionado, foi o de uma série de Cartas sobre a Gestão de Bebês. Embora já estivesse há algum tempo digerindo suas ideias acerca do tema visando publicá-las, não encontrei nada comparativamente que tivesse registrado a respeito. Outro projeto, de maior escopo era uma série de livros para instrução de crianças. Um pequeno fragmento deixado acerca da execução deste projeto está inserido em suas Obras Póstumas.

O principal trabalho ao qual se dedicou por mais de doze meses antes de seu falecimento foi, contudo, um romance, intitulado *Os Erros da Mulher*, sobre o qual não versarei aqui, já que grande parte da obra estava escrita, e agora encontra-se disponibilizada ao público. Noto apenas que, impressionada como não podia deixar de estar, com a própria consciência de seus talentos, Mary ansiava em evoluir naquilo que as mulheres eram capazes de realizar. Sentia a quão árdua era a tarefa de produzir um romance verdadeiramente notável, reunindo para tal todas as suas habilidades. Todos os seus outros escritos foram produzidos com rapidez, o que não lhe permitia o tempo adequado para expandir-se por completo. Essa obra, pelo contrário, foi redigida vagarosamente sob arrazoamentos maturados. Iniciara a escrita de variadas formas, todas sucessivamente rejeitadas, mesmo após considerável avanço. Reescreveu muitas e repetidas vezes várias partes do trabalho e, quando terminado o que pretendia para a primeira parte, sentiu a necessidade de revisar e melhorar o já escrito ao invés de prosseguir, sempre com constância de aprimoramento, no empenho de excelência.

CAPÍTULO X. MOMENTOS DERRADEIROS

Levado ao epílogo desta narrativa, narro a derradeira e fatal cena de sua vida. Mary entrou em trabalho de parto na quarta-feira, dia 30 de agosto. Esteve um pouco indisposta na sexta-feira anterior em consequência, creio, de um súbito alarme. Mas logo após isso, aparentava perfeita saúde. Não demonstrava preocupação quanto às dificuldades do parto, com frequência ridicularizando a moda das mulheres inglesas, que guardavam resguardo por um mês inteiro após o parto. Já havia traçado planos para o jantar da noite seguinte ao parto. Como já possuía experiência sobre o assunto, me submeti alegremente em todos os aspectos ao seu julgamento e sua sabedoria. Não contratou enfermeira. Por decoro e segurança, em caso de qualquer necessidade, decidiu ter ao seu lado uma mulher para atendê-la na qualidade de parteira. Considerava mais apropriado, já que à parteira, no caso de um parto natural, caberia apenas sentar-se e aguardar o curso natural dos eventos, que raramente, nesses casos, exigem a interposição de qualquer arte.

Às cinco horas da manhã do dia do parto sentiu o que percebeu serem os primeiros sinais. A Sra. Blenkinsop, matrona e parteira do Hospital Westminster, que tinha visitado Mary várias vezes durante o pré-natal, foi logo chamada e chegou por volta das nove. Durante todo o dia Mary esteve perfeitamente alegre. Suas dores vieram lentamente e, pela manhã, escreveu várias notas, três endereçadas a mim, enviadas, como de costume, ao meu apartamento com o propósito de me manter informado. Por volta das duas horas da tarde, subiu ao quarto para nunca mais descer.

A criança nasceu aos vinte minutos após as onze da noite. Mary havia pedido que eu não entrasse na câmara até que tudo acabasse, quando tinha a intenção de então apresentar a recém-nascida ao pai. Eu estava sentado em uma saleta e foi só depois das duas horas da manhã da quinta-feira que recebi a informação alarmante que a placenta ainda não fora removida e a parteira não se atreveria a prosseguir, urgindo a presença de um médico. Fui, portanto, procurar o Dr. Poignand, médico no mesmo hospital, que chegou entre três e quatro horas após o nascimento

da criança. Ele imediatamente procedeu à extração da placenta, que foi trazida em pedaços, até ficar satisfeito com sua completa remoção. Nesse ponto, porém, depois pareceu ter estado enganado.

O período desde o nascimento da criança até cerca de oito horas da manhã seguinte foi de perigo e alarme. A perda de sangue foi considerável e produziu uma série quase ininterrupta de desmaios. Fui à câmara logo depois das quatro da manhã, encontrando-a neste estado. Ela me disse na quinta-feira, "que ela deveria ter morrido na noite anterior, mas estava determinada a não me deixar". Acrescentou, com um daqueles sorrisos que tão eminentemente iluminavam seu semblante, "que eu não deveria ser como Porson", aludindo à circunstância daquele grande homem ter perdido sua esposa, depois de ter casado há poucos meses[1]. Falando do que já tinha passado, declarou: "que ela nunca soubera até ali o que significava a dor física".

Na quinta-feira de manhã, o Dr. Poignand repetiu sua visita. Mary tinha expressado pouco antes alguma inclinação para ver o Dr. George Fordyce, homem de mais ciência do que qualquer outro professor de medicina na Inglaterra, com quem há muito nutria uma amizade mútua. Eu mencionei isso ao Dr. Poignand, mas ele discordou, observando que não via necessidade para isso, ponderando que o Dr. Fordyce não fosse particularmente familiarizado com casos obstétricos; no entanto, afirmou, eu deveria fazer como quisesse. Depois que o Dr. Poignand se foi, decidi chamar o Dr. Fordyce. Ele atendeu a paciente por volta das três horas da tarde de quinta-feira e, apesar do quadro de Mary, não percebeu nenhuma causa particular de alarme. Naquele dia ou no seguinte, inclusive comentou, como me disseram, o caso de Mary em público, recomendando a ideia de empregar mulheres na atividade de parteiras. Mary "tinha tido seu parto assim assistido e estava indo muito bem".

Contudo, os eventos da noite entre quarta e quinta-feira havia me assustado sobremaneira e decidi não sair de casa, mal deixando seu

1. Richard Porson, acadêmico com grande memória e aptidão matemática, que analisou, corrigindo anterior compreensão, diversas obras literárias históricas, casou-se com Lunan, irmã de James Perry. Nota da tradução.

quarto durante o dia seguinte. Meus alarmes desapareceram com o passar do tempo. As aparências eram mais favoráveis do que o estado de exaustão de Mary me permitia supor. Sexta-feira pela manhã, portanto, dediquei-me a um compromisso de certa urgência que me levou a diferentes partes da cidade, terminados antes do jantar, terminei feliz. Ao voltar e durante a noite, me senti aliviado com estado promissor da paciente. Estava agora perfeitamente satisfeito e seguro, e que, se ela não se resfriasse ou sofresse de qualquer acidente externo, estaria logo recuperada.

Sábado foi um dia menos favorável do que sexta-feira, mas em nada alarmante.

Domingo, 3 de setembro, considero ter sido o dia derradeiro ao destino daquela tão cara a mim. Encorajado pelo que considerei o progresso de sua recuperação, acompanhei um amigo, pela manhã, em várias visitas, uma delas até a distante Kensington, e não voltei até a hora do jantar. Quando voltei, encontrei um certo grau de apreensão em todos os rostos e fui informado que Mary tivera calafrios e expressara ansiedade durante a minha ausência. Minha irmã e uma amiga dela estavam juntas para jantar embaixo das escadas, mas Mary pediu que a mesa não fosse colocada, como sempre, na sala imediatamente no local abaixo dela, mas na sala do térreo. Senti-me angustiado por ter estado tanto tempo ausente e decidi que a falha não se repetiria.

À noite, teve um segundo surto de tremor e calafrios, sintomas deveras alarmantes. Todos os músculos do corpo tremiam, os dentes batiam e a cama balançava sob ela. O quadro se manteve por cinco minutos. Me disse, depois de passado o surto, que tinha sido como uma luta entre a vida e a morte, e que estivera, por mais de uma vez, a ponto de expirar. Agora me dou conta de terem sido os sintomas mortificantes ocasionados por parte da placenta que permanecera no útero. À época, no entanto, estávamos longe de considerar essa possibilidade. Quando fui atrás do Dr. Poignand, entre duas e três horas da manhã de quinta-feira, estava em absoluto desespero. O fato da adesão da placenta me foi, então, notificado e, ignorante como era da ciência obstétrica, senti como se o fim de Mary estivesse praticamente selado. Mas a esperança havia

revisitado meu peito e suas promessas eram tão ternas que as abracei obstinadamente em meu coração. Mortificado com o que me pareceu um novo retrocesso na recuperação que tanto ansiava, imediatamente chamei o Dr. Fordyce, que havia estado com ela de manhã, bem como nos três dias anteriores. O Dr. Poignand também a visitou pela manhã deste dia, mas recusou-se a fazer outras visitas, por nossa decisão em chamar o Dr. Fordyce.

O progresso da doença agora era ininterrupto. Na terça-feira achei necessário ligar novamente para o Dr. Fordyce à tarde, que trouxe com ele o Dr. Clarke, da rua New Burlington, com a ideia de que uma cirurgia poderia ser necessária. Eu insistentemente perseverava em ver o lado bom das coisas e, assim, o intervalo entre domingo e terça-feira à noite não passou sem alguma mistura de alegria. Na segunda-feira, o Dr. Fordyce proibiu a criança de ser amamentada e, com isso, procuramos a alternativa do leite animal. Isso foi recebido com indulgência e gratidão por Mary. Nada poderia exceder sua equanimidade, paciência e afetividade, mesmo em tal estado de sofrimento. Roguei para que se recuperasse; lidei com cada evento promissor com renovada esperança, e, sempre que possível, mesmo em tal estado, Mary sempre retribuía meu carinho com gentis palavras.

Quarta-feira foi uma tortura à sequência melancólica dos eventos experimentados até ali. Decidira-se que o único alívio para seu quadro irreversível seria administrar-lhe vinho. Esta tarefa foi entregue a mim, e iniciei-a por volta das quatro horas da tarde. Mas, totalmente ignorante da natureza das doenças e da estrutura humana, lidar com essa tarefa me aprecia assaz terrível. Não sabia mensurar o que fosse demais, nem o de menos. Tendo começado, senti-me compelido, sob todas as desvantagens, a continuar. O processo durou três horas. No final desse período, perguntei à criada que saía do aposento: “O que achava de sua senhora?”. Ela me respondeu: “acredito que a senhora parta o mais rápido possível”. Há momentos em que qualquer criatura viva possa reunir o poder de levar outros à loucura. Eu parecia conhecer o absurdo dessa proposição, mas isso não importava. Um pouco depois das sete, roguei a um amigo para que procurasse o Sr. Carlisle e o trouxesse

instantaneamente de onde estivesse. Ele viera visitá-la voluntariamente no sábado anterior e retornara duas ou três vezes desde então; tendo o feito naquela manhã, recomendou veementemente a dieta do vinho. Naquele dia, jantava a seis quilômetros fora da cidade, na extremidade oposta à nossa localização da metrópole. Não obstante a distância, meu amigo voltou com ele depois de três quartos da hora de sua partida. Ninguém familiarizado com meu amigo se surpreenderá com sua obstinação e sucesso, quando ouvindo seu nome, Basil Montagu. À visão do Sr. Carlisle uma sensação de grande alívio, jamais imaginada, me acometeu de forma inesperada.

O Sr. Carlisle não nos deixou mais desde quarta à noite, até a hora da morte de Mary. Impossível exceder sua bondade e afetuosa atenção, causando a todos a mais forte impressão. Em sua vigília terna e atenta, observava todos os sintomas, desejando melhorar todo sintoma favorável. Se habilidade ou atenção pudessem tê-la salvado, Mary ainda viveria. Além da presença constante do Sr. Carlisle, ela contava com o Dr. Fordyce e o Dr. Clarke todos os dias. Tinha por enfermeiras, ou melhor, amigas, observando todas as ocasiões para servi-la, a Sra. Fenwick, autora de um excelente romance, intitulado Secrecy (Segredo), e outra senhora muito gentil e criteriosa, além de criada dileta. Eu quase nunca saía da sala. Quatro amigos, Sr. Fenwick, Sr. Basil Montagu, Sr. Marshal e Sr. Dyson, sentaram-se durante quase toda a última semana de sua existência na casa, para serem despachados, em qualquer missão, a qualquer parte da metrópole, a qualquer momento.

Sr. Carlisle permaneceu nos aposentos, enquanto eu me retirava para dormir por algumas horas na quarta-feira à noite. De manhã, ele entrou no meu quarto dizendo que a paciente estava surpreendentemente melhor. Entrei instantaneamente na alcova, mas agora procurando suprimir toda e qualquer esperança. Uma das maiores angústias de que tenho memória consiste no esmagamento de uma nova expectativa, algo que já havia experimentado duas ou três vezes em minha vida. Se Mary se recuperasse, estaria tudo bem e superaria com o tempo. Mas este era um sentimento por demais poderoso para suportar o ridículo de seu abrupto esmagamento.

Tinha motivos para me pautar na firmeza de meus pensamentos sombrios, quando, por volta das dez horas da noite de quinta-feira, o Sr. Carlisle nos disse para nos prepararmos, pois o desfecho se daria a qualquer instante. A meu ver, ela não parecia estar naquele estado de exaustão absoluta que deveria preceder à morte, mas é provável que a morte nem sempre ocorra por esse processo gradual que sempre imaginara; uma pontada repentina podendo anunciar sua chegada. Ela não sucumbiu na quinta-feira à noite.

Até ali Mary não parecia guardar quaisquer pensamentos mórbidos, mas na sexta-feira e no sábado, os dois últimos dias de sua vida, ocasionalmente falava como se esperasse pelo término. Isso foi, no entanto, apenas em intervalos, o pensamento não parecia fixado em sua mente. O Sr. Carlisle alegrou-se com isso. Observou enfaticamente que não há fato mais lamentável do que um doente consciente de sua morte. Sabe-se que o pensamento destrói sua coragem, coopera com a doença e combate todos os esforços favoráveis da natureza.

Nesses dois dias, suas faculdades estavam em um estado de tal fragilidade que mal podia seguir qualquer linha de ideias com precisão de conexão. Sua religião, como já mostrei, não foi calculado para ser o tormento de uma doente acamada e, de fato, durante toda a sua moléstia, nenhuma palavra de cunho religioso foi proferida por seus lábios.

Ela foi carinhosa e complacente até o fim. Observei nas noites de sexta e sábado, que, quando seus acompanhantes a pediam para dormir, descobria sua disposição em ceder, respirando, talvez por um instante, à maneira de uma pessoa que dorme, apesar do esforço, e do estado de sua desordem, geralmente provassem-no ineficaz.

Não era atormentada com contradições inúteis. Uma noite, a ama, por um erro de julgamento, a cobriu com reprimendas vazias, mas ela se queixou gravemente e a ama foi corrigida. “Reze, ore, não arrazoe”, era sua expressão. A morte é tão terrível para o quadro debilitado quanto a monótona e inoportuna interrupção de enfermeiras.

Vendo que todas as esperanças estavam extintas, desejava somente obter dela orientações que ela desejasse fossem seguidas após

sua partida. Por conseguinte, no sábado de manhã, conversamos por um bom tempo a respeito das crianças. Em conformidade com a máxima do Sr. Carlisle de não imputar uma ideia de morte, fui obrigado a acautelar minhas expressões. Assim, cuidei em salientar que tais instruções fossem apenas por seu estado de saúde, reiterando que levaria algum tempo até que pudesse estar recuperada, pronto a seguir suas orientações acerca das pequenas, que então estariam sob meus cuidados. Depois de reiterá-lo de maneiras diferentes, ela finalmente disse, em tom de voz significativo: "Eu sei o que você está pensando", mas nada acrescentando ao assunto.

Os calafrios cessaram nos dois últimos dias. Carlisle observou que a recuperação dela era quase milagrosa, e mantendo-se em constante vigília diante das aparentes melhoras, reforçava que a total desistência de esperanças não fosse em nada recomendável, já que uma entre um milhão de mulheres acometidas por tais condições podiam se recuperar. Penso que se tratasse de uma estimativa pouco animadora, contudo.

Tais eram os alentos das pessoas em desespero. Às seis horas da manhã de domingo, 10 de setembro, o Sr. Carlisle foi aos meus aposentos para onde havia me retirado à uma hora daquela madrugada, em conformidade com o meu pedido, para que eu pudesse acompanhar seus últimos instantes. Ela expirou aos vinte minutos para as oito horas.

Seus restos mortais foram depositados, no dia 15 de setembro, às dez horas da manhã, no pátio da igreja paroquial de St. Pancras, em Middlesex. Algumas das pessoas que mais estimava participaram da cerimônia e uma lápide simples foi colocada por alguns de seus amigos no local, com a seguinte inscrição:

MARY WOLLSTONECRAFT GODWIN,
AUTORA DA REIVINDICAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER.
NASCIDA 27 de ABRIL de 1759.
FALECIDA 10 de SETEMBRO de 1797.[2]

---

2. Original: MARY WOLLSTONECRAFT GODWIN, AUTHOR OF A VINDICATION OF THE RIGHTS OF WOMAN. BORN, XXVII APRIL MDCDLIX. DIED, X SEPTEMBER MDCXCXVII.

A perda desta mulher admirável deixo para outros homens relembrem; eu mesmo bem sei, nem poderia ser impróprio descrevê-lo. Aqui não me refiro aos prazeres pessoais desfrutados em sua companhia: estes aumentavam todos os dias na proporção de nossa intimidade e à medida que nossa confiança mútua crescia. Estes só podem ser medidos pelos tesouros de sua mente e pelas virtudes de seu coração. Mas este é um tema para reflexões e não palavras. O que me propus a aludir foi à evolução do espírito, para sempre perdida.

Tínhamos cultivado nossos poderes (se pudesse me aventurar ao uso desse tipo de linguagem) em direções diferentes. Eu, com a tentativa de distinção lógica e metafísica, ela com o gosto pelo pitoresco. Uma das principais paixões da minha mente tem sido um ansioso desejo de não me iludir. Isso me levou a ver os temas de minhas reflexões sob todos os aspectos, examinando e reexaminando sem fim as perguntas que me despertam o interesse.

Mas não foi apenas (a julgar dos relatos de minha memória a esse respeito) a diferença de propensões que estabeleceu o contraste em nossos hábitos intelectuais. Fui estimulado, desde o início, por uma ambição pela excelência mental, mas desanimado, quando me esforçava em avaliar minha própria sabedoria, ao descobrir que não possuía, no grau de alguns outros homens, uma percepção intuitiva da beleza intelectual. Talvez eu tenha uma sensação forte e viva dos prazeres da imaginação, mas raramente associo a esses o valor adequado, a não ser por meio de perseverantes exames e pela mudança e correção de minhas primeiras opiniões.

Aquilo que mais desejava, Mary o possuía, superando qualquer outra pessoa por mim conhecida. Sua força mental residia na intuição, e costumava estar certa por mera especulação. Sua religião, sua filosofia (em que os erros eram relativamente poucos e a tensão digna e generosa) eram, como já dito, o resultado puro do sentimento e da vontade. Adotava uma opinião e rejeitava outra, espontaneamente, por uma espécie de tato e pelo ímpeto de sua imaginação perceptiva e, no entanto, embora no sentido estrito do termo, tenha raciocinado pouco, seja surpreendente o grau de certeza encontrada em suas determinações. Se

essa qualidade lhe era útil em tópicos que parecem aos temas ligados ao raciocínio, o era muito mais em assuntos relacionados à intelectualidade. Em um julgamento intenso e inabalável desse tipo repousa uma espécie de encanto, quando decido com justiça, produz uma sensível vibração à mente aberta. Nesse sentido, minha oscilação e ceticismo foram constantes por sua ousadia. Quando uma opinião verdadeira emanava dessa maneira de outra mente, a convicção produzida por mim era a mesma assumindo caráter semelhante, instantâneo e firme. Variedade de intelectos que se diferem, principalmente na relação do antes e do depois. O que um percebe instantaneamente (circunstâncias produzidas nele, ou uma atenção prematura a objetos desse tipo, ou uma maior ousadia de decisão), o outro recebe apenas em partes. O que anseia, parecendo não ser nada além do minuto de atenção às primeiras impressões e uma apreciação justa destas; hábitos que nunca são tão efetivamente gerados, como pela recorrência diária de um exemplo marcante.

Essa luz me foi emprestada por um período muito curto e agora está extinta para sempre!

Enquanto descrevi os benefícios que estava recebendo, acredito ter destacado as principais características de seu caráter intelectual.

PARTE II

A ESCRITA DE MARY WOLLSTONECRAFT (PÓSTUMO)

DA POESIA, E NOSSO DELEITE PELA BELEZA DA NATUREZA

O gosto pelas cenas rurais, na sociedade de hoje, parece ser geralmente o resultado de uma inclinação artificial, mais inspirada por poesias e romances do que uma real apreensão das belezas da natureza. No entanto, como é tido de bom gosto o elogio dos prazeres simples que o campo suscita, o tema nunca se esgota. Ainda que se deva questionar se esse tipo de declamação romântica tenha tanto efeito sobre a conduta daqueles que, por uma temporada, deixem as cidades lotadas onde foram criados e educados.

Fui levada a essas reflexões por observar, quando residindo por alguma temporada no campo, como poucas pessoas parecem contemplar a natureza com seus próprios olhos. "Limpei o orvalho fresco" pela manhã, mas ao caminhar na grama, divaguei que justo durante esses pequenos deleites, o sol nascia em solitária majestade enquanto meus olhos louvavam seus belíssimos raios. As teias noturnas, ainda estendidas nos arbustos, a não ser por algum trabalhador em sua lida, que lhe perturbasse a trama encantada; e, a despeito dessa fragilidade, junto ao círculo social, todo burburinho, quando sobre os prazeres do campo, se alterava.

O tendo observado com frequência, fui levada à tentativa, em um dos meus passeios solitários, de traçar a causa e aventar o porquê de a poesia escrita nos primórdios da sociedade parecer mais natural: o que, assertivamente significa dizer (já que natural é um conceito deveras indefinido), que ela seja o relato de sensações imediatas, de todo naturais e singelas, quando a imaginação, despertada pela visão de objetos interessantes, estivesse mais aguçada. Nesses momentos a sensibilidade rapidamente modela símiles, e os espíritos sublimados combinam imagens, as quais surgem espontaneamente, não sendo necessariamente um ato de frieza vasculhar o entendimento da memória, até que os esforços do arrazoamento excluam tais sensações e apaguem o fogo do entusiasmo.

Os ímpetos de uma mente vivaz nunca dirão o quão expandido pelo

pensamento tenha sido o entendimento, armazenado com o conhecimento. A riqueza do solo pode até aparecer em sua superfície; e o resultado de profundas reflexões, frequentemente misturadas de forma graciosa nos devaneios do poeta, se incorpora suavemente às ebulições dos instintos, quando a coragem, finalmente elaborada, vibra de extrema felicidade, ou mesmo, quando relaxada em suave melancolia, uma prazerosa fadiga suscita profundo suspiro e alimenta o delicado correr de uma lágrima.

O poeta, homem de emoções profundas, nos oferece apenas uma imagem de sua mente, quando, na verdade, estando só consigo mesmo, nota a impressão que a natureza deixara em seu próprio coração. – Se, neste sagrado momento, a lembrança de algum saudoso amigo, alguma memória querida do tempo quando a alma fora mais propensa à suavidade, invadisse desavisadamente seus pensamentos, a tristeza então suscitada seria natural, ainda que poeticamente expressa – e quem poderia evitá-la?

O amor para o homem leva à devoção – imagens grandiosas e sublimes afetam a imaginação – Deus é vislumbrado em cada nuvem que passa, e vem da montanha úmida para receber a mais nobre homenagem das criaturas inteligentes – o louvor. Quão solene é o momento em que todos os afetos e memórias empalidecem perante a sublime admiração que a sabedoria e bondade divinas inspiram, quando, louvado em um templo – não edificado por mãos humanas – o mundo parece conter apenas a mente que o formou, e a mente que o contempla! Essas não são pálidas respostas de uma devoção cerimonial; tampouco, para expressá-las, o poeta necessita do auxílio de outro poeta: seu coração arde por dentro, e ele fala a língua da verdade e da natureza com energia irresistível.

Desigualdades são observadas em seus ímpetos, obviamente; e uma imaginação menos vigorosa, de gosto mais apurado os teria reproduzido com mais elegância e uniformidade; contudo, as passagens são suavizadas ou apagadas nos momentos de reflexão mais frios, em que o entendimento gratificado às custas dessas sensações involuntárias, como os belos tons do crepúsculo, de tão fugazes, se misturam em novas formas antes que se possa analisá-los. Pois, por mais eloquente que possa

considerar sua razão, o homem deve frequentemente se surpreender em não poder explicá-la, ou mesmo por conta de seus sentimentos grosseiros, inábeis para o deleite das belezas que a natureza, a poesia, ou qualquer das artes miméticas suscitam.

O imaginário dos antigos parece ter sido naturalmente emprestado de objetos ao redor e de sua mitologia. Quando um herói está para ser levado de um lugar a outro, por descaminhos quaisquer, que veículo mais natural do que uma daquelas “nuvens de algodão”, as quais o poeta admirava, mal se dando conta que gostaria de delas fazer sua carruagem? E mais uma vez, quando a natureza parece apresentar obstáculos ao seu contínuo progresso, quando a floresta disforme e a montanha pontiaguda permanecem como barreiras a serem transpostas em que a mente anseia por ajuda sobrenatural, surge uma deidade interventora que caminha sobre as ondas, controla a tempestade, plenamente sentida às primeiras tentativas de se cultivar um país, que receberá da imaginação apaixonada “uma morada e um nome”.

Seria como uma investigação filosófica a jogar alguma luz sobre a história, a traçar, o mais longe possível da imaginação, sentimentos e ideias espontâneas que produziriam as imagens, agora algo artificiais, por serem remotas; e desagradáveis, por terem sido servilmente copiadas pelos poetas, cujos hábitos de pensar e visões da natureza tenham sido outros; pois, apesar do entendimento raramente perturbar a ocorrência dos sentimentos, sem dissipar as nuvens do deleite que a imaginação vinha abraçando, ainda assim, ele dá silencioso sentido a toda essa ternura; e o sonho acaba quando a verdade é abruptamente violada, ou imagens são introduzidas, selecionadas de livros, e não dos modos locais e preconceitos comuns.

Em um estágio mais avançado da civilização o poeta é, antes, uma criatura da arte do que da natureza. Os livros que lê em sua juventude tornam-se solo fértil no qual frutos artificiais são produzidos; belos aos olhos comuns, não obstante ansiarem pela verdadeira cor e sabor. Suas imagens não resultam de sensações; são cópias; e, como as obras de pintores que copiam estátuas antigas ao desenharem homens e mulheres em seu próprio tempo, percebemos que os traços são bons e

as proporções justas; mas, são homens de pedra; figuras insípidas que nunca comunicam a ideia do retrato de algo vivo, em que a alma concede espírito e homogeneidade ao todo. As suaves asas da imaginação são podadas pelas regras; e o desejo de manter a elegância da dicção, resulta em uma atenção às palavras incompatível com os sublimes e apaixonados pensamentos.

Um rapaz hábil que tenha aprendido a estrutura dos versos na escola, e educado pelo exercício da cópia ao compor rimas enquanto lia os escritos de eruditos, pode ser capaz, pela prática, de produzir versos bonitos e até mesmo tornar-se aquilo que se entende por um poeta elegante: mesmo que seus leitores, não lhe achando falhas não se interessem de fato por seus escritos. Nas obras dos poetas que conquistam seu apreço, os leitores encontram faltas mais desagradáveis e imagens daquilo que os choca no que há de moderno; ainda assim, não parecem tão pueris ou estranhas a um como a outro. – A razão? – pois assim não lhes parecera ao próprio autor.

Por mais paradoxal que seja, após se observar que tais produções almejam o entusiasmo, meras obras de imitação em que o entendimento violentamente direcionara, senão extinguira, o brilho da imaginação, perceber que, apesar de genialidade ser nada além de rara sensibilidade, os primeiros observadores da natureza exercitavam seu entendimento muito além do que os meros imitadores. Contudo, o faziam para distinguir as coisas; enquanto seus seguidores se ocupavam de emprestar sentimentos e ordenar palavras.

Rapazes que tenham recebido uma educação clássica enchem suas memórias de palavras, a despeito das ideias que as correspondam nem sempre serem devidamente compreendidas. Prova disto, devo dizer, seja ter conhecido muitos jovens que pudessem escrever versos delicados perfeitamente toleráveis, e mesmo encadear belos epítetos, enquanto sua prosa demonstrava a pobreza de suas mentes e o quão superficial teria sido o cultivo de seu entendimento.

Sei que Dr. Johnson deu uma definição de gênio que poderia ter alterado por completo meu arrazoamento, caso o admitisse. – Ele imagina

que - uma mente vigorosa acidentalmente levada a um estudo particular – no qual se destaque, seja a de um gênio. – Sem deixar de investigar as causas que possam ter produzido essa - feliz – força da mente, é forçoso dizer que a experiência prova que tais mentes – focadas em tais estudos - parecem mais vigorosas quando a natureza lhes descobre uma inclinação; pois, seria absurdo supor que uma mera impressão causada nas fracas habilidades de um jovem seja obra do acaso, indelével mesmo pelo inesperado. Com efeito, Dr. Johnson parece ser da mesma opinião (a qual não deverei aqui indagar), especialmente quando nota, "que Thompson via a natureza com olhos que apenas creditava a um poeta".

Contudo, mesmo que se admita que livros possam forjar alguns poetas, temo que não sejam daquele tipo que nos tire o sono ou estimule nossa admiração. Podem ser capazes de irradiar o gosto e mesmo polir a escrita; mas, sou levada a concluir que raramente suscitam as paixões ou curem o coração.

Portanto, para retomarmos o tema aqui discutido, a razão pela qual a maior parte das pessoas prefira o cenário descrito por um poeta à visão mesma da natureza, se deva ao anseio de uma imaginação fértil. Poetas reduzem as possibilidades, e, selecionando as partes mais pitorescas – de sua câmera -, o juízo é direcionado e toda a força desta faculdade voltada aos objetos que excitem as emoções mais apelativas de seu coração; consequentemente, o leitor percebe os adornos descritos, não obstante não tenha sido capaz de percebê-los numa primeira impressão.

Além do mais, deve-se notar que mentes mais rudes só são movidas por representações mais apelativas. Para excitar os fúteis, os objetos devem ser apresentados e calculados com o intuito de causar emoções tumultuadas; o que não possui substância, formas pitorescas que um homem contemple e ardorosamente siga até que constrangido por qualquer vislumbre de inatingível excelência, lembra os vapores difusos dos sonhos de um entusiasta, cuja renuncia à substância é por sua sombra. Não é nisso que buscam o prazer, com seus olhos raramente voltados ao seu próprio interior; destarte, suas emoções, mesmo que fervorosas, são sempre efêmeras, e as opiniões que distinguem o verdadeiro homem de gosto não são experimentadas, ou causam tão leve impressão, mal

excitando qualquer sensação agradável. Seria surpreendente, portanto, que fossem com frequência ignoradas, mesmo por aqueles encantados por essas mesmas imagens?

Mas até este tipo é superado pelos ‘espertos’, que, ansiosos por demonstrar sua astúcia e gosto, não expõem seu entendimento ou sentimentos; pois, ao invés de cultivar sua inteligência e refletir de maneira arrazoada, se ocupam em acumular preconceitos; e seguem obstinados em admirar o que seu tempo lhes dita como referencial de excelência, não para o acúmulo de qualquer auto deleite, mas somente capacitar o discurso.

Dicas que ajudarão o leitor a estabelecer algumas das causas pelas quais as belezas da natureza não sejam forçosamente sentidas quando a civilização, ou antes o luxo, tenha avançado consideravelmente – essas serenas sensações não são suficientemente vivazes para acalmar os voluptuosos, ou mesmo o adepto moderado de prazeres artificiais. No atual estado da sociedade o entendimento deve trazer os sentimentos de volta à natureza, ou a sensibilidade possuir tal força de espírito para satisfazer-se sem se destruir nos exercícios da paixão.

Duro, mas verdade que as coisas mais preciosas sejam as mais sujeitas às perversões: - pois a mesma sensibilidade, ou perspicácia que faz o homem se deleitar com a tranquilidade da natureza, em sendo a sensação ao invés da razão a conferir o deleite, faz dele um libertino, levando-o a preferir as perturbações sensuais do amor, pouco refinadas pelo sentimento, do que os prazeres calmos da amizade, em cujas edificantes satisfações a razão, a misturar suas serenas convicções, sussurra: a plenitude e não a felicidade é a recompensa da virtude neste mundo.

DICAS

Segundo Godwin, estas dicas eram o esboço projetado por Mary Wollstonecraft, para o que viria a ser incorporado na escrita da segunda parte da *Reivindicação dos Direitos da Mulher*.

1. A indolência é a fonte das queixas nervosas e de toda uma série de preocupações.

2. Deve ser uma das tarefas das mulheres abastadas visitar hospitais e supervisionar a conduta dos menos favorecidos.

3. Em geral, supõe-se que a imaginação das mulheres é particularmente ativa e as desvia. Por que então buscamos pela educação apenas exercitar sua imaginação e sentimento, até que o entendimento, enrijecido pelo desuso, seja incapaz de se exercitar – e o alimento supérfluo que a imaginação e o sentimento receberam, torna o primeiro romântico, e o último fraco?

4. Poucos homens alcançaram grande destaque no ensino, sem terem recebido algo parecido com uma educação regular. Por que se espera que as mulheres superem dificuldades às quais os homens não o fizeram em iguais condições?

5. Nada pode ser mais absurdo do que o ridículo do crítico, que a heroína de sua falsa tragédia esteja apaixonada pelo mesmo homem a quem menos deveria ter amado; ele não poderia ter dado uma razão melhor. Como a paixão pode ganhar força de outra maneira? Em Otaheite, o amor não pode ser conhecido, onde nunca se conhecem os obstáculos para irritar um apetite indiscriminado e sublimar as simples sensações do desejo até que se transformem em paixão. Nesse caso, um homem ou uma mulher não pode amar exatamente a pessoa que não deveria ter amado - o ciúme não alimenta a chama.

6. Tem sido frequentemente observado que, quando as mulheres têm um objetivo em vista, elas o buscam com mais firmeza do que os homens, particularmente no caso do amor. Isso não é um elogio. A paixão persegue com mais calor do que razão, e com mais ardor

durante a ausência de razão.

7. Os homens estão mais sujeitos ao amor físico do que as mulheres. A educação confinada das mulheres as torna mais sujeitas ao ciúme.

8. A simplicidade parece, em geral, consequência da ignorância, como observei no caráter de mulheres e marinheiros - seres confinados a um caminho superficial.

9. Não conheço outra maneira de preservar a castidade da humanidade, do que fazer das mulheres mais objetos de amor do que de desejo. A diferença é grande. Enquanto as mulheres são encorajadas a esforçar suas mentes para se enfeitar, a indolência pode torná-las desamparadas e lascivas (pois que outro nome pode ser dado ao intercurso comum entre os sexos?), elas serão, em geral, apenas objetos de desejo; e, para essas mulheres, os homens não podem ser constantes. Os homens, acostumados apenas a ter seus sentidos estimulados, procuram meramente uma gratificação egoísta na sociedade das mulheres, e seu instinto sexual, não sendo apoiado pela compreensão nem pelo coração, deve ser excitado pela variedade.

10. Devemos respeitar velhas opiniões; embora preconceitos, adotados cegamente, levem ao erro e impeçam todo o exercício da razão. A emulação que muitas vezes torna um menino travesso é um estímulo generoso; e a velha observação, de que meninos azarados e turbulentos são os melhores e mais sábios homens, é verdade, apesar dos argumentos do Sr. Knox. Foi observado que os cavalos mais aventureiros, quando domesticados ou treinados, são os mais brandos e tratáveis.

11. As crianças que começam a ser estimuladas repentinamente aos doze ou quatorze anos, e decaem em consequência do esforço excessivo, creio que são, em geral, aquelas que foram criadas com ternura equivocada, a quem não foi permitido praticar esportes e fazer exercícios ao ar livre. Isso é análogo às plantas: pois verifica-se que elas desenvolvem caules longos e doentios quando confinadas.

12. As crianças devem ser ensinadas a sentir deferência, não a praticar

a submissão.

13. É sempre uma prova de falso refinamento, quando um gosto fastidioso supera a simpatia.

14. A luxúria parece ser a companheira mais natural da ambição selvagem; e amor pelo louvor humano, aquele domínio erguido pela astúcia.

15. “O gênio decai à medida que aumenta o julgamento.” Claro, aqueles que têm o mínimo de gênio, têm a aparência mais precoce de sabedoria.

16. O conhecimento das belas artes raramente é subserviente à promoção da religião ou da virtude. Elegância geralmente é indecência; em nossa impressão.

17. Não parece haver nenhum mal no mundo, senão o necessário. A doutrina de recompensas e punições, não considerada um meio de reforma, parece-me uma difamação da bondade divina.

18. Quer a virtude seja fundada na razão ou na revelação, a virtude é sabedoria e o vício é loucura. Por que punições são positivas?

19. Poucos conseguem andar sozinhos. O cajado do Cristianismo é o suporte necessário para a fraqueza humana. Mas um conhecimento da natureza do homem e da virtude, com apenas sentimentos sobre os atributos, seria suficiente, sem uma voz do céu, para conduzir alguns à virtude, mas não a turba.

20. Só espero a recompensa natural da virtude, seja ela qual for. Não confio em uma recompensa positiva. A justiça de Deus pode ser justificada por uma crença em um estado futuro – mas uma continuação do ser a justifica tão claramente, como o sistema positivo de recompensas e punições – pelo mal educando o bem para o indivíduo, e não para um todo imaginário. A felicidade do todo deve surgir da felicidade das partes constituintes, ou este mundo não é um estado de provação, mas uma escola.

21. Os vícios adquiridos por Augusto para reter seu poder devem ter manchado sua alma e impedido aquele aumento de felicidade que um bom homem espera no próximo estágio de existência. Este foi um castigo natural.

22. O amante fica cada vez mais profundamente enamorado, quando não sabe bem pelo quê. A devoção de um místico contém uma grandeza gótica e rude, que a adoração respeitosa de um filósofo jamais alcançará. Posso ser considerada fantasiosa; mas continuamente me ocorre que, embora eu admita que a razão, neste mundo, seja a mãe da sabedoria, ainda assim, alguns voos da imaginação parecem alcançar aquilo a sabedoria não pode ensinar – e, apesar nos iludirem, proporcionam uma gloriosa esperança, senão um antegozo, do que podemos esperar no futuro. Aquele que nos criou não pretendeu nos marcar com imagens ideais de grandeza, o tecido infundado de uma ilusão – Não – aquela perfeição que seguimos com ardor desesperado quando os sussurros da razão são ouvidos, pode ser encontrada, quando não incompatível com nosso estado, na roda da eternidade. A perfeição, de fato deve, mesmo então, ser uma ideia comparativa – mas a sabedoria, a felicidade, a piedade de um estado superior, devem ser intuitivas. As mais felizes efusões do gênio humano são inspirações – as deduções da razão destroem a sublimidade.

23. Estou cada vez mais convencido de que a poesia é a primeira efervescência da imaginação e a precursora da civilização.

24. Quando os árabes não tinham nenhum traço de literatura ou ciência, eles compuseram belos versos sobre o amor e a guerra. Os voos da imaginação e as elaboradas deduções da razão parecem quase incompatíveis.

25. A poesia certamente floresce mais no primeiro estado primitivo da sociedade. As paixões falam com mais eloquência, quando não estão acorrentadas pela razão. A expressão sublime, que tantas vezes foi citada, [Gênesis, cap. 1, ver. 3.] é talvez um vôo bárbaro; ou melhor, a grande concepção de uma mente inculta; pois é contrário à natureza e à experiência supor que esse relato seja baseado em fatos. É sem

dúvida uma alegoria sublime. Mas uma mente cultivada não teria descrito a criação – pois, argumentando por analogia, parece que a criação deve ter sido um plano abrangente, em que o Ser Supremo sempre usa causas secundárias, lenta e silenciosamente para cumprir seu propósito. Esta é, na realidade, uma visão mais sublime daquele poder que a sabedoria sustenta: mas não é a sublimidade que golpearia a mente apaixonada, na qual a imaginação tomou o lugar do intelecto. Diga a um ser cujas afeições e paixões foram mais exercitadas do que sua razão, que Deus disse: Haja luz! e havia luz; e ele se prostraria diante do Ser que pudesse assim evocar coisas do nada; mas um homem em quem a razão sobreponha a paixão, não adoraria, até que a sabedoria fosse conspícua, bem como o poder, para sua admiração deve basear-se em princípios.

26. A individualidade está sempre presente naqueles voos entusiasmados da fantasia, nos quais a razão é deixada para trás, sem ser perdida de vista.

27. A mente tem sido muitas vezes levada à prova de investigações que só alcançam a matéria – colocada no cadinho, embora o fluido magnético e elétrico escape ao filósofo experimental.

28. O Sr. Kant observou que o entendimento é sublime, a imaginação bela - mas é evidente que os poetas e os homens que, sem dúvida, possuem a imaginação mais viva, são mais tocados pelo sublime, enquanto os homens que têm mentes frias e inquiridoras, não têm este sentimento requintado em nenhum grau e, de fato, parecem perdê-lo à medida que cultivam sua razão.

29. Os edifícios gregos são graciosos – eles enchem a mente com todas aquelas emoções agradáveis, que elegância e beleza nunca deixam de excitar em uma mente cultivada – utilidade e graça nos atingem em uníssono – a mente está satisfeita – as coisas parecem exatamente o que deveriam ser: uma satisfação tranquila é sentida, mas a imaginação não tem nada para ver - sombria melancolia. De forma razoável, podemos dizer o porquê de estarmos satisfeitos – e esse tipo de prazer pode ser duradouro, mas nunca pleno.

30. Quando dizemos que uma pessoa é original, é apenas para dizer em outras palavras que ela pensa. “Quanto menos um homem cultivou suas faculdades racionais, mais poderoso é o princípio da imitação sobre suas ações e seus hábitos de pensamento. A maioria das mulheres, é claro, é mais influenciada pelo comportamento, pela moda e pelas opiniões daqueles com quem elas se associam, do que os homens” (Smellie). Quando lemos um livro que apoia nossas opiniões favoritas, com que avidez absorvemos as doutrinas e permitimos que nossas mentes reflitam placidamente as imagens que ilustram os princípios que adotamos? Aceitamos indolentemente ou silenciosamente a conclusão, e nosso espírito anima e conecta os vários assuntos. Mas, ao contrário, quando examinamos um escritor habilidoso, que não coincide em opinião conosco, como está a mente vigilante para detectar a falácia? E essa frieza muitas vezes impede que sejamos levados por uma torrente de eloquência, que a mente preconceituosa chama de declamação - uma pompa de palavras. Nunca nos permitimos ser calorosos; e, depois de contender com o escritor, são ainda mais confirmadas nossas próprias opiniões, tanto por contradição como pela razão. – Tal é a força do homem!

31. É a maneira individual de ver e sentir, transmitida por uma imaginação forte em imagens ousadas que atingem os sentidos, que cria todos os encantos da poesia. Um grande leitor está sempre citando a descrição das emoções de outra pessoa; uma imaginação forte se delicia em pintar por conta própria. Um escritor de gênio nos faz sentir, o autor inferior debate.

32. Algum princípio anterior ao amor-próprio deve ter existido: o sentimento que produziu o prazer, deve ter existido antes da experiência.

SOBRE A REVISORA

MARIA ELIZABETH BUENO DE GODOY- É Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (2014), com ênfase em História e Historiografia Antiga, especializada no estudo da obra de Tucídides e nas leituras do Livro IV. Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2009), com ênfase na discussão entre mythos e lógos contemplada no debate historiográfico das obras dos helenistas Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne; pesquisadora na área de Grécia Antiga, financiada pela agência CAPES. Monitora dos cursos de Antiga e Medieval durante os anos de 2007 e 2008. Graduada e Licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2006). Atuou como professora substituta no Colegiado de Filosofia da Universidade do estado do Amapá (UEAP-AP) no período entre 2017 e 2019, ministrando as disciplinas de Filosofia Antiga e Medieval, Filosofia da Arte e Filosofia da Religião. Professora de língua e literatura inglesa formada pela Cultura Inglesa do Brasil e certificada pela Universidade de Cambridge (UK).

SOBRE A ORGANIZADORA

ALESSANDRA CARVALHO ABRAHÃO SALLUM- É Psicóloga graduada pela Universidade de Uberaba (2004), especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela Uniube em parceria com a SBPSP (2007), especialista em Sexualidade Humana pela Faculdade Futura (2019) e especialista em Neuropsicologia pela Única Faculdade de Ipatinga (2019). Atualmente é membro da WAS (World Association of Sexual health) e da SBRH (Sociedade Brasileira de Reprodução Humana), responsável técnica no ISAS (Instituto de Saúde Abrahão Sallum Ltda) e no Psicociente Ltda ME, além de ser coordenadora do grupo Feeling de apoio à diversidade, em parceria com a Fundação Cultural de Uberaba e a Coordenadoria de políticas públicas LGBT. Atua na área clínica com base psicanalítica, psicologia perinatal e da parentalidade, consultoria em saúde e educação sexual e avaliação psicológica utilizando a técnica de Rorschach. Mestranda em Educação Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (PPGET-IFTM), na linha II Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), Inovação Tecnológica e Mudanças Educacionais. Participa do grupo de pesquisa «Ápeiron: estudos em física e metafísica», sendo pesquisadora do projeto de pesquisa «Projeto Prometeu», liderado pelo professor Dr Luiz Mauricio Bentim da Rocha Menezes. Possui dezessete anos de experiência clínica e atua como palestrante e supervisora. Tem dedicado seus ultimos anos de formação ao estudo das questões de gênero e diversidade, bem como filosofia, literatura e suas interações com a realidade. Busca ativamente a promoção da igualdade de direitos, o acesso das mulheres e minorias à arena pública, bem como a promoção de saúde emocional para estes grupos e a população em geral, através de ações educativas e da psicoeducação.